

Thomas J. Muncie, cad

THOMAZ JOSÉ DA ANNUNCIÇÃO

Aos vinte e um de Outubro de 1837 se matriculou na Academia de Bellas Artes de Lisboa um rapaz de dezoito annos, inquieto, vivo, de olho scintillante: a Academia fazia um anno de idade e a sua existencia parecia-lhe a ella um sonho inexplicavel. Manoel da Silva Passos querendo instituir o ensino da arte, colleccionou todos os que recebiam do Estado a titulo de artistas, quer o fossem quer não, pregou com elles em S. Francisco e cuidou innocentemente que na intelligencia e amor da arte, que rasoavelmente lhes suppoz, brotaria o fructo que com o seu incontestavel patriotismo antevia da sua obra. Deixemos os academicos que não comprehenderam o fim para que os asylaram no convento e digamos o que fez o novo alumno, que pela pintura que fizemos d'elle tem já as sympathias do leitor, que certamente quer já saber quem é, e se chegou a conseguir, apesar da Academia, alguma eminente posição artistica.

Diremos primeiro que, segundo o costume, começou os seus estudos graphicos enchendo resmas de papel de bonecos com fórmas *ideaes* que se dão aos principiantes como primeiro leite da arte do desenho. Thomaz José da Annunção correu tudo aquillo rapidamente e passou á Aula do gesso, graduação importante n'aquella altura, em que se navega cheio de fé e entusiasmo, qualidades que ao nosso artista só uma vez faltaram.

Na aula do gesso, permittam-me a expressão, uma caqueirada informe constituia o objecto a que se devia dedicar o culto do desenhador a claro-escuro, o qual procurando conseguir á força de imitação fazer tão hedionda a copia como o original, chega ao apogéo do contentamento e começa a ser gloriosamente invejado dos menos felizes. Annunciação passou tudo ao papel, e como prova de que lhe não restava em pouco tempo coisa que não tivesse já desenhado por trinta fórmas, foi-lhe proposto por um dos professores que desenhasse uma triste cabeça d'Antino que lá havia, de um ponto de vista novo, nunca lembrado a nenhum artista; a cabeça era ôca e do lado em que o pescoço apresentava um buraco, por onde se via o interior, é que o professor a mandou desenhlar, a cabeça não, o buraco: dizia o mestre «tudo o que mostra claro e escuro é aproveitar para o estudo, seja o que for.» Vejam o caso que aquelle fazia da belleza das fórmas.

Com estes bellos estudos não seria Thomaz Annunciação professor da Academia passados quinze annos, sé não possuísse uma vocação verdadeira. Conquistou o lugar de que foi provido por força de talento e estudo: lástima foi não lh'o disputar ninguém, para ser mais brilhante a victoria, mas a Academia durante quinze annos não lhe tinha preparado nenhum competidor: a Academia aprendeu então na sua historia a reconhecer Annunciação como um homem superior: a Academia honra-se com ser elle seu professor.

A inclinação pelas artes do desenho não principiou a manifestar-se quando o nosso artista viu pela primeira vez o labyrintho das estampas e gessos da aula de desenho: ao começar a adolescencia tinha já um passado artistico.

Thomaz Annunciação nasceu na freguezia da Ajuda, seu pae Manoel Joaquim da Annunciação, honradissimo empregado da Patriarchal, deu-lhe segundo o uso a primeira educação, mas todô o enlévo do pequeno era pintar soldados, lavadeiras, camponesas, vaccas, burricos, etc., e tambem seu retratinho, obra mais durinha, mas que lhe grangeava seus applausos, principalmente quando eram adevinhaveis os retratados. Manoel Antonio da Silva empregado ás ordens do Dr. Brotero no Jardim Botânico era a victima marcada pelo destino para fornecer ao joven esperançoso as tintas e pinceis cujo destino valia mais que um paraizo. As decepções repetidas conduzem ao conhecimento da verdade, do mundo real: não o póde apreciar o que ainda não andou aos encontrões á machina social; mas a gente moça gosa da suprema ventura de viver no mundo que lhe pinta a

imaginação, em harmonia com os seus desejos: essa ventura embriaga no verdor dos annos, comtudo a recordação d'ella faz depois arido o caminho do resto da vida. D'aquelle prazer que Thomaz gosava nasceu o desejo de o communicar, fez-se ambicioso de gloria, os mirificos bonecos iam já resplandecendo em casa dos ex.^{mos} condes dos Arcos, onde sempre foi mui acceito. Com que alegria não ouvia elle celebrar os seus triumphos sobre a rebeldia do natural, e sobre a teima dos pinceis em não pintar o que elle queria, quantas reminiscencias saudosas não deverá elle ainda hoje ao bom acolhimento d'essas tentativas em que o genio nascenté o encaminhava a contemplar espontaneamente o *natural*, eterna e unica fonte dos modélos da arte; apaixonado desde os primeiros annos da *verdade* nas *fórm*as e na *expressão* hoje, que o pincel lhe obedece com rapidez, trabalha violentado se não tem o modélo á vista: os grandes mestres nunca se presaram de *inventar* figuras mas de reproduzil-as bem.

Onde estará hoje a primitiva galeria do nosso artista? onde estão e bem todas as do mesmo genero. Pelo seu desinteresse fazia presente das obras, pela avidéz com que procurava a perfeição desempenhava-as seriamente, estas tendencias denunciavam as feições provenientes do seu character e do seu talento.

Agora que o leitor viu como Thomaz Annunção nasceu para as artes, consentiremos que a Academia tenha pretensões á paternidade artistica do seu eminente professor? Não. Nós só diremos á Academia, se elle é filho dos vossos methodos de ensino, dos vossos exemplos mostrae-nos outro, que tenhaes creado similhantemente em vinte e tres annos, que tantos ha que tendes escóla aberta. O antecessor de Thomaz Annunção na pintura de paizagem foi André Monteiro da Cruz, mestre dos pintores de ornato no palacio da Ajuda, homem de letras gordas e poucas, mas dotado de uma penetração e sagacidade admiraveis, tinha engenho e no palacio teve largas para estudar, attenta a espantosa prodigalidade com que se dispendia nas obras, e o vagar com que n'ellas se procedia; mas André Monteiro pouco aproveitou d'aquelle remanso e conseguindo fabricar apenas alguma paizagem toleravel, quanto a figuras e gados nem se póde occupar a critica em mencional-os; lá estão na Academia algumas, para as quaes se valeu de pessimas gravuras, que copiou sem a minima alteração. Este não foi de certo o que ensinou ao nosso artista os segredos da arte.

A quem com justiça se deve mencionar como dando direcção aos estudos, que pelos fins de 1839 foi fazer na aula de gravura de paizagem, é ao digno professor d'ella Benjamim Comte, de

*

quem foi melhor discipulo e a quem sempre mereceu particular estima. Comte deu-lhe noções do desenho de paizagem a lapis e a sepia, mas os estudos de gados que Thomaz fez depois, sem outro mestre mais que o natural e a sua rara percepção da cõr e do contorno, a que distancia ficam dos trabalhos que fez na aula de gravura.

Sem fazer offensa a nenhum dos professores da Academia, affiançamos que foi sempre de todos o mais bondoso e bemquisto Joaquim Raphael que regia a aula de desenho, Annunciação frequentou-a quatro annos, e foi em todos quatro premiado com o primeiro premio.

Em 1841, concluido o curso da aula, como lá lhe chamam, passou ao curso da aula de pintura historica, dirigida pelos srs. Antonio Manoel da Fonseca e Norberto José Ribeiro, homem de uma probidade escrupulosissima e o mais digno que restava dos representantes da pintura, da época da Ajuda: colorista soffri-vel, pincel timido resentia-se de uma educação artistica capaz de apagar o fogo divino ao proprio Miguel Angelo, este homem (aliás respeitavel), pouco vulto fazia na aula.

Thomaz Annunciação, que suppunha acabado o seu *curso de desenho*, continuou a fazer desenhos na aula de pintura historica e ahi consumiu tres ou quatro annos, copiando cabeças e préguas dos quadros quinhentistas que possui a Academia, e pintando do gesso o claro-escuro: esta vida enfatiou o artista e no anno de 1844, considerando todos os discipulos que o tempó assim empregado era uma verdadeira dissipação, accordaram em abandonar a aula; Annunciação retirou-se com os seus collegas.

Onde o artista julgára que a sua carreira seria mais veloz ahi encontrou tropeços que não imaginava: os impetos de entusiasmo pela arte foram-se-lhe amortecendo com as contrariedades do que chamam vida real. Por estes tempos o ministro da Prussia conde de Rakzinsky, singular amator de artes, escrevia aqui, sobre a nossa historia artistica, duas obras mui conhecidas e estimadas, e animado de um vivo interesse pelas nossas coisas communicava para Allemanha o que aqui via de notavel e precioso em quadros antigos. Não sendo facil enviar desenhos d'elles, pediu a Thomaz Annunciação que lhe desenhasse algumas das cabeças mais caracteristicas, afim de as mandar como amostra ao seu paiz: n'isto houve-se Annunciação com tal felicidade que, esta circumstancia junta a outras de não menos peso levou o conde, de accordo com dois dos mais intelligentes fidalgos de Portugal, a escolhel-o para ir estudar fóra do

paiz de companhia com outro moço de não menor merecimento, hoje fallecido. Esse projecto posto repentinamente em esquecimento, foi mais uma das dôres com que a adversidade experimentou a fortaleza do nosso artista.

Thomaz não era tão abastado que pudesse proseguir desassombrado de cuidados no seu caminho: affigurou-se-lhe um descampado o terreno que tinha a andar; o encanto dos campos que sonhára conhecia que era sentido só por elle, os outros viãos andar e desandar, cuidando na vida e ignorando mesmo que haja além d'isso alguma outra coisa de que se possa cuidar; elle via n'elles uma felicidade, mas tal que o não podia seduzir. Não espere nunca o leitor encontrar o desenganado artista ao balcão de uma casa de commercio, de penna na orelha, alliciando os freguezes com uma eloquencia meliflua, recheada de disparates e de affirmativas absurdas ou visivelmente falsas, não espere que, alcançado algum posto de official para o ultramar, o encontra satisfeitissimo com a sua nova carreira, cheio de esperanza e fé, na figura brilhante que póde fazer um dia.

Propostas de uma e outra especie se lhe tinham feito em 1837 e a resposta a ellas foi a sua matricula na Academia das Bellas Artes de Lisboa. Forçava-o a buscar modo de vida a sua demissão de praticante no Museu de Historia Natural e Jardim Botânico, cujo director o dr. Francisco d'Assis, era n'essa occasião exonerado, não sei sob que pretexto, mas com o fim de se operar no estabelecimento uma *reforma*.

Irá pois agora o desanimado artista manejar o covado ou a espada, deixando o pincel ao abandono? não váe, não lh'o consente a indole.

Dois annos lhe durou o enfado e a casa dos ex.^{mos} condes dos Arcos lhe deu abrigo, com affeição verdadeira, e tanta que Thomaz da Annunção não a esquece nunca: o seu reconhecimento aos ex.^{mos} D. Nuno e D. Pedro d'Arcos não precisa de quem o avive.

Quem restituirá á sua musa o fugitivo pintor? haveria alguém a quem affligisse a obscuridade a que se condemnou no desalento?

Thomaz terá ainda um amigo, animado da fé no futuro, na fé que lhe faltou a elle? João Anastacio Rosa, o actor Rosa, conhece a superioridade do talento de Thomaz Annunção e antevê a brilhante posição que elle póde alcançar como artista, visita-o, aconselha-o, força-o a tomar os pinceis; n'estas importunações amigaveis, Rosa é acompanhado do sr. Hermano Moser, grande apreciador de Bellas Artes. Dissipa-se rapidamente a ne-

voa que encobria a Thomaz Annuniação os seus horisontes refulgentes, a altivez dos seus novilhos, as ovelhinhas, os regatos: parece-lhe sentir a fresquidão das madrugadas, começa a ouvir a melodia dos campos, presente já uma soberba eira, um soberbo quadro, uma soberba exposição d'elle; Annuniação determina resolutamente ser artista, falta estudar.

O pintor não improvisa as fórmas dos objectos de que faz a sua composição, e uma das qualidades principaes de um quadro é sem duvida a fidelidade na imitação da natureza, n'alguns é mesmo a qualidade essencial. Annuniação applicou-se pertinazmente ao estudo severo dos seus modélos, e com tal persistencia proseguiu n'estes exercicios que a elles devemos o ser o préfessor da Academia o melhor e o primeiro pintor de gados conhecido em Portugal: o seu modélo foi a natureza, o seu mestre a propria experiencia, guiada pelo seu genio.

Rosa, como excellente amigo, não parou vendo ateadado o entusiasmo do artista, constituiu-se seu corrector, lançava-lhe mão dos quadros que acabava de pintar, apregoava-lhes o merito, vendia-os, e Thomaz cuidava só do seu estudo, ignorava até estes passos de Rosa.

São as premicias d'estes novos trabalhos quatro quadrinhos representando gados, que se acham em Cintra, na galeria d'El-rei o Sr. D. Fernando: expostos na loja do dourador Margotteau por diligencias do Rosa, souo no Paço noticia d'elles, El-rei, para quem um novo elogio é hoje a repetição de alguma verdade mil vezes affirmada por todos, quiz vel-os e tendo-lhe agradado, fez d'elles immediata acquisição. Foi isto ali por 1848, ha dose annos que a protecção do Sr. D. Fernando não desampara o artista. Ornam as galerias de S. M. numerosas producções de Annuniação. São notaveis — Uma vista da praia de Pedroços com pescadores — Outra tirada de um ponto do jardim das Necessidades — Duas de pastagens com vaccas — Tres com patos, gallinhas, etc. — A ida para o trabalho — A volta do trabalho, duas joias da collecção — O repouso dos pastores — e a perola das suas composições: Os amores d'Aldeia.

O Ex.^{mo} Sr. Antonio Xavier de Brederode, a quem o paiz deve notaveis serviços em favor da arte, possui do nosso artista — Um interior de bellissimo effeito de luz — Duas paizagens — Um tocador de viola. — O Ill.^{mo} Sr. Palha (João) — Um grupo de rapazes jogando o jogo das cinco pedrinhas, o *astragalo* dos antigos. — O Ex.^{mo} Sr. Estevão Palha possui nada menos de sete dos mais recentes — A partida do gado — Uma pastagem — Um representando uns patos — O retrato de um soberbo mastim, tamanho

natural — O velho dos amores d'aldéa, repetição — A torre e praia de Belem, longes bellissimos — Um quadro de flores e fructos, estréa de novo genero, em que se manifestam os prodigiosos recursos da sua palheta.

O exm.^o sr. Luiz Augusto Rebello da Silva, possui tambem alguns quadros d'Annunciação, o nosso poeta Gomes d'Amorim, tres de gados — O sr. João Baptista Ferreira, seis: — Uma vista da Praça da Figueira — Um sendeiro — Dois de mulheres d'Ovar — Dois de gados.

Lord Seymour fez tambem aquisição de dois quadros representando o pittoresco trajar das varinas.

O negociante Jorge Hancock — alguns de pescadores, gados, trajos nacionaes, etc. Foi um d'elles vendido em Inglaterra por preço correspondente a uma alta estima: este facto merece particular menção por se dar entre os compatriotas de Turner e Landseer. Seria quasi impossivel e de certo fastidioso dar aqui relação de todas as producções de Annunciação, calculado o seu numero em mais de cem: o leitor que tiver a ventura de contemplar as que apontámos approvará certamente a menção que d'ellas fizemos.

A descripção minuciosa de um quadro é sempre uma coisa incompleta e quasi sempre inutil para se formar d'elle idéa.

Passaremos em silencio sobre os desenhos, lithographias, gravuras que tem produzido, quasi todas conhecidas dos amadores.

O caracter das producções de Thomaz Annunciação, a qualidade que o seu porfiado estudo tem conseguido alcançar, sobresaliente a outras mui apreciaveis que tambem possui, está na fidelidade do *gesto* das suas figuras, em a naturalidade da *postura* dos seus gados: uma observação tenaz dos movimentos quasi invariavelmente inherentes aos actos da vida dos animaes, o tem feito tão senhor do conhecimento dos seus habitos que logo re-luzem nos seus quadros as feições do natural. O pescador que arrasta a rede, o camponez que apparelha o carro, a ovarina que conta pela centesima vez, em conferencia com a sua companheira o producto da venda, aquelle ancão que foma vagaroso a sua pitada, para observar maliciosamente o namorico da cachopa que se derrete pelas melodias do Orpheu da viola, no quadro dos Amores na aldéa, todas estas acções são tão perspicazmente espreitadas do natural, que se vé que o que tem de fugitivas não lhes valeu para escaparem á penetração energica do artista. Uma verdade vem aqui a proposito dizer-se: o daguerreotypo, que é mui valioso auxiliar para o trabalho artistico, não offerece ao pintor a exacta reproducção do claro-escuro, portanto o *tom*

e a *côr* tem elle de obtel-os por outra via, a da observação directa; no mais que toca á arte de nada presta o daguerreotypo porque o ageitar dos grupos, encadeal-os, distancial-os convenientemente, não se esperará das operações da machina: fixar n'um relance a expressão momentanea de um olhar do modelo, só o sabe o artista consummado. Fiquem portanto desenganados, a superioridade na arte é hoje tão rara como era antes da invenção do daguerreotypo. Ao perfeito da execução é que o daguerreotypo com a sua tal ou qual exactidão obriga hoje o artista, o que é dependente do genio ou do entendimento ficou difficil e raro do mesmo modo que o era antes da maravilhosa descoberta da photographia.

Disse que a verdade do gesto era a principal, mas não a unica qualidade que revelavam os quadros do professor da paizagem; outras não menos estimaveis descobrem os seus magnificos *ares* em que se mostra muitas vezes arrojado, sem que o luminoso das suas massas de claro prejudique o effeito da composição; como colorista é vigoroso, sem perder a suavidade; n'alguns quadros denuncia em magestosos céos uma extensão de tons e uma riqueza de *côr* admiraveis, concebe tão bem o que ha de perceptivel e o que ha de indeciso nos longes que se allongam por elles os olhos com delicia,

É portanto Thomaz José da Annuniação um artista consummado, o *non plus ultra* da sua especialidade? Não. É elle mesmo que o sente, é elle mesmo que o confessa, é elle mesmo que sofre por se não ver livre das prisões que o retém longe do seu mais querido, do unico pensamento de toda a vida. Na Academia occupam-n'os dos regulamentos das aulas, dos toques de sineta, das horas de entrada, das horas de saída, consultam-n'os sobre os moveis da aula, sobre estrados, sobre carteiras, sobre fogões, sobre o pote da agua, examina quanto se gasta em pás do lixo! Isto por não saberem o que é um artista. Mas dirão: as conferencias academicas occupam-se tambem de questões proprias de uma Academia, ahí os artistas vivem por algum espaço no seu elemento, ahí tem grata compensação das ninharias administrativas, ahí o debate sobre tal questão de arte occupa agradavelmente o animo dos professores, a arte progride, prospera o estabelecimento. Nada; as conferencias academicas tratam ha vinte e tres annos do governo domestico, e até hoje nem os trastes da casa arrumaram; as graves questões do ensino, as theorias das bellas-artes tratar-se-hão quando a Academia fór o modelo do arranjo regulamentar, quando sobre entradas e saídas, toques de sineta, altura de bancos, de estrados, de

cadeiras, sobre chavinhas, trincos, numerações, e finalmente quando sobre todas as bagatellas importantes, que são a alma do bom governo de um estabelecimento d'estes, quando em tudo isto se tiver tocado a ultima perfeição: então se cuidará em fixar a doutrina que se deve seguir no ensino, se tratará finalmente de bellas-artes.

Um governo que tirasse d'estas miserias o artista, que lhe facultasse a observação das grandes obras da sua especialidade, que ornem os museus e galerias estrangeiras, fazia á arte e ao paiz um eminente serviço; mas ninguem seja tão visionario que espere essa fortuna a respeito d'artes: se ha meio de pôr algum embaraço aos seus cultores cream que não deixa de ser aproveitado, e se ha uma lei que favoreça a oppressão, seja ella o mais absurda possivel, mostra-se-lhe o mais edificante acatamento, embora seja evidentemente estúpida não se lhe perde o respeito.

Abriu-se concurso para a substituição de paizagem em 1852, Annunciação, concorrente unico, foi provido com geral applauso, lá está na Academia o quadro que pintou n'essa occasião, uma —Vista tirada do sitio da Amora—que com outros dois enviou á exposição de Paris, onde foram todos tres muito louvados: esse quadro é uma obra primorosa. Em 1857 trata-se de prover a propriedade da mesma cadeira, Annunciação, concorrente unico em 1852, tendo regido a aula até áquelle tempo na falta do octogenario professor, não tendo deixado de estudar um momento, Annunciação, a rogo dos seus amigos, solicita a dispensa de uma prova que se tornava caricata pelas habilitações do candidato e tyrannica por se dar na época da *febre amarella*. O director da Academia, na informação que lhe pedem evidencia a justiça do pretendente, logica perdida! exultam os respeitadores hypocritas da lei, podia-se lá perder tão bella occasião de alardear virtude: o seu requerimento e a informação foram quasi que anathematisados, as auctoridades ordenam com severidade o cumprimento da lei, Annunciação soffre o flagello de uma resolução não imbecil mas hypocrita, Nicolau Poussin que fosse o candidato faziam-lhe o mesmo.

As provas que o nosso artista se viu constrangido a dar n'este concurso, se assim querem que se chame, demonstram que nas producções d'arte se revella necessariamente o estado de espirito do auctor: tão friamente, tão materialmente as concluiu o nosso pintor, que logo passado aquella crise lamentavel da epidemia, a primeira coisa de que tratou foi de se desempenhar da especie de desar que lhe ficava da inferioridade d'aquelles amargurados trabalhos.

Thomaz José da Annuniação, é um homem probo em toda a extensão do termo, nos soffrimentos porque tem passado não se lhe manchou o character: seu pae foi o seu exemplar, Manoel Joaquim da Annuniação, antigo empregado da patriarchal, victima sempre mas não se desviando nunca da escrupulosa exactidão do seu serviço, não teve que legar a seus filhos mais do que um bom nome: além d'outras virtudes possuia a da limpeza de mãos, que nunca foi vulgar. Embarcava-se a real familia, abandonando o reino, em Novembro de 1807, no caes de Belem: a desordem espantosa com que se fez o embarque perturbou a todos a cabeça, o largo de Belem estava atulhado de bahús, caixas, mallas, de uma infinidade de volumes sem dono, á mercê do primeiro que lhe deitasse a mão: preciosissimas riquezas da Patriarchal se achavam ali envolvidas no tumulto, não ha não que as receba, pede-se a Annuniação encarecidamente que as salve, assim o executa: voltam as pessoas reaes em 1821: onde estão as joias da Patriarchal? perguntam os que as deixaram no cáes de Belém. Eil-as. Muitas das coisas preciosas que ficaram cá tinham-as *levado os francezes*, aquellas tiveram a fortuna de escapar, ora como Manoel Joaquim da Annuniação não tinha feito mais que o seu dever, não havia pela sua acção motivo de o premiar e por isso nenhum premio lhe deram. Toda a gente que tinha acompanhado El-rei ao Rio de Janeiro, voltára mais altamente collocada do que fóra, Annuniação parecia pequeno ao pé d'elles, e para annullar essa desigualdade perseguiram-no, para os não envergonhar: o filho não desdiz do catonismo do pae, como não solicita, não se engrandece, mas os que pedem muito e sempre, olham-no de travez, porque o seu comportamento é indirectamente uma censura, involuntaria sim mas effectiva.

Coroava mui naturalmente esta biographia, uma noticia das accões da vida privada, que recommendariam Thomaz Annuniação aos que não teem a fortuna de o conhecer no tracto intimo, mas sendo o conhecimento d'ellas privilegio dos amigos mais chegados, contentaremos todos com affiançar-lhes que o nosso artista é n'este ponto um modélo. Annuniação não completou ainda a sua carreira, a parte mais brilhante da sua vida de artista começa agora, o que d'ella apontei são apenas os preliminares, a historia das nossas artes tem ainda de registrar com ufania o bello futuro que lhe auguramos.

M.

QUINTO CASAMENTO

I

Uma vez, descia, ou, melhor direi, escorregava eu das alturas de Barroso, e scismava nas santas proezas de Bartholomeu dos Martyres, tão singela e devotamente contadas por um frade dominicano, o qual sempre que o leio, póde tanto comigo, que, pelo muito que lhe quero, perdôo a todos seus confrades, entrando na conta o proprio Torquemada.

Uma a uma, recordava eu as mortificações com que o santo mace-rava e deformava o corpo para que a alma, anojada d'elle, toda se desprendesse da envoltura feia, e suspirasse sempre namorada e saudosa do céo. Tudo me lembrou e edificou, desde os hortos cosidos que ceou na cabana de uma velha, até ás exulcerantes rosetas do cilicio.

Sobre tudo, porém, o que mais assombrou a minha peccadora fra-queza foi ter ido o arcebispo ás alturas de Barroso! Se em Roma se soubesse o que é Barroso; se o Espirito Santo, em seus colloquios com os Papas, lhes communicasse noticias topographicas d'aquelles si-tios, Bartholomeu dos Martyres estaria já no Florilegio, e Fr. Luiz de Sousa dispensar-se-ia de lastimar que os coevos do prelado bracharense não authenticasse milagres, sem os quaes a canonisação é improcedente.

Eu tambem fiz o milagre de ir ás alturas de Barroso, não pela tri-lha que lá conduzira o intrepido arcebispo, mas por fragoedos e es-carpas sem mais vestigios de vida que uma infesada vegetação de urzes tozadas pelas cabras.

Ora vejam os meus amigos do Chiado e do Café-Martinho por onde eu tenho andado!

Com Bartholomeu dos Martyres caminhava o Anjo do Senhor, e, pelos modos, o merendeiro abastecido de modestas vitualhas, com que ao abrigo de um penhasco se refaziam de vigor aquelles varões apostolicos da companhia do arcebispo, os quaes — seja dito de passagem — nem assim andavam contentes, e iam resmungando sempre contra as ventanias e bâtegas de agua que lhes faziam torcer o nariz ao aroma dos celestiaes jardins.

Comigo não caminhava talvez o anjo do Senhor; mas o merendeiro esse é que de certo não fa.

Subi quatro leguas de encosta em nove horas, com a mula á rédea. Era perigoso cavalgar: a cada passo a mula, açoitada pelo vento da esquerda, voltava a cabeça para a direita, e media com torvo olhar a profundidade de um barrocal. Alguns amigos meus, famosos na poesia e lidos no Byron, tinham-me fallado na attracção do abysmo como coisa que explica muitos suicidios de individuos melindrosamente organisados. Ora, é de saber que a minha mulinha se fizera melindrosa de nervos desde que adelgacára em fibra muscular, por causa dos jejuns aturados e pacientes a que a forcára o meu espirito andejo por terras em que os muares, á mingua dos pastios, tem muito mais espirito e recolhimento. Não o digo com pretendida graça, mas medo não me faltou de que a mula, melindrada em sua compleição pelas fomes, se despenhasse attrahida pelo abysmo, e verificasse o que me haviam dito os ledores de Byron, menos propensos, talvez, que ella a justificar as crêndices dos grandes genios.

Ao anoitecer, avistei uma povoação... Agora reparo que tendo começado a contar a minha saída das Alturas de Barroso, estou com a entrada. Não importa. Entrem comigo por alguns minutos na aldeia de *Cerigo*, e saíremos todos logo, abençoando a Providencia que nos deixa viver no Rocio, no Matta, em S. Carlos, n'este golphão de regalos, que Deus não concedeu áquelles selvagens de Barroso, tão malquistos da fortuna que vivem mais quarenta annos que nós, e andam sempre alegres!

À entrada da aldeia de *Cerigo* está uma fonte rasa com o chão. Ao pé da fonte, emergindo o cantaro, estava uma grossa o corpolenta moça. Tinha a cabeça tosquiada, os pés descalços, a saia de tomentos curta pelo joelho, as pernas vestidas n'uns canudos de lã hirta e negra, e sobre os hombros um mantéo curto de baeta escarlata.

Perguntei-lhe se n'aquelle povo haveria quem me dêsse agasalho por algumas horas.

«Venha d'ahi comigo» respondeu ella, pondo o cantaro sobre o hombro.

Chegámos defronte de uma casa terrea, como todas; a moça entrou no quinteiro, e disse-me:

«Metta a mula n'aquella córte, e venha cá p'ra cosinha.»

Desapparelhei a mula, ateí-a pela corda do cabresto a uma forquilha, improvisei uma manjedoura com uma rima de fêno, e fui para a cosinha.

«Louvado seja nosso Senhor Jesus Christo» — disse eu, entrando.

— «O Senhor seja louvado» — responderam-me muitas vozes em toada soturna. — Chegue-se cá p'ra fogueira, accrescentou uma voz.

Eu não via ninguém. O fumo que toldava a cosinha encheu-me de lagrimas os olhos. Luz havia apenas a da fogueira impardecida pelos opacos rolos de fumo. Já tinha o lenço insopado em lagrimas, e não pudéra ainda fitar os olhos nas pessoas que rodeavam a larcira. Fizem-me varias perguntas, e entre estas uma que me ficou de memoria, foi se era *mestre da saude*. Como eu, pela resposta, mostrasse não entender a pergunta, illucidaram a minha ignorancia perguntando-me se eu era barbeiro. Respondi que não era barbeiro, e tive de explicar o para que servia a *ingenhoca* que eu tinha no bolço da jaqueta. A chamada *ingenhoca* era um cachimbo de porcelana. Uma velha quando viu fumar o cachimbo, disse a outra que lhe estava ao lado: «isto, emquanto a mim, é hereje lá d'esses reinos de por ali afém.»

Eu tinha fome. Faregei o vapor de dois enormes potes cujo contheudo fervia em cachão. O quer que era não tinha cheiro que lisongeasse o meu olfacto. Regalava-se-me, porém, a alma na esperança de vêr sair d'aquelles botes alguns nacos de presunto, e uma das gordas galinhas que esvoaçaram sobre mim, quando entrei na córte da mula. N'esta prelibação mal-agourada, eram-me toleraveis as dôres dos olhos.

«Vamos ao caldo» disse uma das velhas.

Todos se ergueram do lar para abancarem a uma longa taboa, suspensa em dois cêpos, na qual não havia toalha, nem garfos. As alfaias unicas eram algumas colheres de páu. Em cada extremidade da taboa estava uma grandissima brôa.

Seguiu-nos uma escudela de batatas com a casca. Ao lado d'esta, uma tigela com sal. Mais de cincoenta dedos, incrustados de lama petrificada, convergiram sobre a escudella. Eu vi esta coisa suja e ignominiosa á luz de dois páus de urze que ardiam espetados na parede. Fiquei attonito, quando vi aquelle numeroso gentio rolar as batatas na tigela do sal, e comel-as assim!

«Vossê não come?!» disse um dos convivas.

Estendi o braço á gamela, tirei uma batata que larguei logo, por que me queimou. Riram-se todós; e alguns reparando nas minhas mãos, redobram as gargalhadas, dizendo coisas engraçadas, allusivas á minha magresa. Entretanto, estonei a batata, salguei-a, e sou-

be-me que nem manjar de anjos. Veio em seguida o caldo: era de leite. Caldo de leite, meus amigos que derrancaes o paladar e o estomago com pasteis d'ostra e *croquets* de carne revelha, e *civets* de lebre em putrefacção, e *vol-au-vents* de marisco! Não sabeis o que é este sadio, o talvez primeiro alimento de Abrahão, de Jacob, de Matusalem, e de Sara, minhas senhoras, de Sara que tomava caldo de leite, e tinha filhos na idade em que vv. ex.^{as} tem bisnetos!

Cada tigela de caldo era um lago de leite, em que elles formavam, a modos d'ilhas, pyramides de brôa, que comiam e revesavam, e eu tambem deliciosamente.

Finda a ceia, erguemo-nos de mãos postas, resámos a todos os santos conhecidos, e a outros muitos que inventou o dono da casa. Resei por alma de toda a parentela extincta d'aquella familia nos ultimos tres seculos; e pela devoção com que o fiz consegui desvanecer o máu conceito de heresia em que me tinham os da casa por conta do cachimbo.

Terminada a resa, pedi licença para deitar-me. Ergueu-se um dos muitos homens da casa, accendeu uma das urzes, disse-me que o seguisse, e levou-me ao palheiro que estava contiguo á córte da mula. Ahi fez-me um ninho de fêno, deu-me um lençol de estopa, uma manta de sirgo, e deixou-me ás escuras para prevenir incendio.

Dormi, e tão profundamente dormi, que, despertando ao romper do dia, notei que a mula se soltára, e me comêra a maior parte do ninho. Agradei a hospitalidade d'esta boa gente, e perguntei a mim mesmo se por ventura Barroso seria retalho de um paiz civilisado, situado a menos de setenta leguas de Lisboa!

Assim pois, vinha eu na volta de Barroso, meditando no muito que devia privar com Deus aquelle santó arcebispo que demorára muitos dias n'aquellas serras e penedias as quaes, no dizer de Fr. Luiz de Sousa, *mais parecem morada de fêras e selvagens, que de homens capazes de rasão e juiso.*

Cheguei á margem direita do rio Tamega, no ponto em que elle demarca a separação das duas provincias do norte.

A passagem do rio é feita por barcos; quando, porém, as chuvas engrossam a corrente, o Tamega é mais caudal e perigoso que nenhum outro rio de maior pujança.

Quando cheguei á margem, era noite, a chuva copiosa, e arriscada a passagem. Pedi ao barqueiro que me dirigisse onde me dessem agasalho. Offereceu-me a sua casa, dizendo-me que não era boa, mas que a não havia melhor na povoação. Fui, e encontrei um certo aconchego que me não parecia de lavrador, e ainda menos de quem se dava ao esforçado trabalho de barqueiro em estação de tamanho perigo. Ao pé de mim veio a mulher do barqueiro, e os filhos bem tractados e ves-

tidos. D'estes o mais velho perguntou-me logo se eu sabia latim, e se lhe ensinava o ponto de Tito Livio.

«Vejo—disse eu ao barqueiro—que dá a este menino uma educação que de certo lhe não ha de servir para andar com a barca no rio levando e trazendo passageiros a vintem.

—«E quem lhe disse que eu levo dinheiro pela passagem?—acudiu o homem. — Já vejo que o sr. nunca passou na minha barca.

«De certo que não.

— «Eu tenho mais que o preciso, graças a Deus — proseguiu em tom de franqueza rude e alguma vaidade á mistura — tenho que farte em bens e dinheiro para não trabalhar, e ordenar de missa quatro filhos.

«N'esse caso é por bemfazer ao proximo que vm.^o dá a sua barca e os seus braços gratuitamente?

— «É verdade. Foi n'essa barca que Deus metteu a felicidade da minha familia ha vinte annos, e n'ella me veio a casa. Já agora hei de agradecer ao céo os bens que me deu, continuando a ser prestavel a quem o era antes de ser rico.

«Se eu não receasse ser confiado—redargui com a curiosidade dos dezoito annos, quando aos dezoito annos se quer achar um romance e um mysterio em tudo que a trivialidade nos depara—se eu não receasse ser confiado, pedir-lhe-ia me contasse porque meios a Providencia o fez rico.

—«Isso sabe-o toda a gente que me conhece, e o sr. tambem o pôde saber; mas antes dos contos, que não enchem barriga, vamos á ceia que está na mesa, e depois conversaremos com o pichel do verdadeiro ao pé, e as castanhas na assadeira.

A ceia, que me liberalizou o sr. Antonio da Mó, foi uma salvadora reparação ás minhas debilidades de quatro dias. Creio que era gallinha por cabeça, e um caldo que gelava de gordo na tigela, e podia cortar-se á faca.

Finda a ceia e a oração, ergueu-se a mesa que ingonçava no escaabello, e seguiram-se a libações frequentes provocadas pelas castanhas que estoiravam na assadeira pendente do caniço.

—«Agora, disse o sr. Antonio, desemborcando o bico do pichel dos beiços, e passando-m'o com patriarchal solemnidade—beba mais um trago, e oiça lá a historia.

II

Eu prometto não viciar com louçanias de linguagem a narrativa do sr. Antonio da Mó. A poesia rustica e nativa que elle, a intervallos, dava ao conto, essa não posso eu dar-lha. O verdadeiro idillio não são as eclogas de Lobo e Quita: é o dizer chão, pittoresco, e ao mesmo

tempo imaginoso dos que beberam o puro leite da poesia nos seios da natureza.

Em 1832 um ricasso do Alto-Douro, de nome Bernardo Pires, fugia á perseguição que o corregedor de Villa Real lhe fazia por odio politico. Em parte alguma se furtára á espionagem dos aguazis. De terra em terra, umas vezes confiado nos amigos, outras com falso nome, fôra parar á Ribeira de Penna, terra situada na fronteira do Minho e Traz-os-Montes.

Como a justiça ahi mesmo o descobrisse, resolveu transpôr o Tamega, ganhar as alturas de Barroso, e internar-se na Gallisa. Encaminhou-se para isso, ao primeiro ponto de passagem que era aquella onde eu viera ter á margem opposta.

Estava do lado d'além a barca. Bernardo Pires chamou algumas vezes o barqueiro. Ninguem o ouvia, mas vira-o uma rapariga irmã do dono da barca e da azenha. A corrente do Tamega ía grossa de mais para pulso de mulher; mas Thereza era atrevida, e o irmão só a deshoras viria acudir á anciedade do passageiro. Desamarrou o barco, arremangou a camisa, cospiu nas mãos, travou da vara, sondou com ella o váo, deu o primeiro impulso á barca, e d'ahi até á margem opposta mais de tres vezes se affigurou a Bernardo Pires que a torrente a arrastaria á açude que se despenhava cem passos abaixo com fragor medonho. De cada vez que Thereza fincava o peito á ponta da vara, a barca resistia á torrente que marulhava e rebentava para dentro d'ella: depois, apertada entre a onda e a vara, gemia pelas juncturas, e a possante barqueira, brincando com a morte, ou ignorante do perigo, a cada impuchão que a barca dava galgando a corrente, exclamava com triumphante alegria: «Salta minha menina!»

Abicando margem fronteira, viu que o passageiro com o chapéo na mão se approximava d'ella. Não affeita a ceremonias, quasi que não respondeu ao cortejo, e quando Bernardo Pires lhe agradecia o risco em que estivera por causa d'elle, Thereza, passando-lhe para a mão uma escudella de páo, disse-lhe:

«Ajude-me a despejar o barco, que, se mette mais agua, na ída para lá, podemos ir ambos ao fundo.»

Bernardo trajava como homem do campo: chapéo derrubado, jaqueta, um páo argolado, e fxa escarlata á cinta. Este trajar não o dispensava de ajudar Thereza a despejar a barca; mas a prostração em que o tinha a febre obrigou-o a largar a escudela apenas começou o serviço.

«Não posso, menina — disse elle — porque estou muito doente.

— «Ah! está? coitado! sente-se, e espere um pouco. — E olhando-lhe casualmente para as mãos, continuou — Vm.^{ce} tem mãos de padre... Aposto que nunca fez serviço de lavoira?

«De certo não fiz, menina; mas não é o mimo das mãos que me não deixa ajudal-a; é que tenho sesões ha seis mezes e estou muito fraco.

— «Pois está assim doente, e mette-se ao caminho?! para onde váe vm.^{me}, ainda que eu seja confiada?

«Nem eu sei para onde vou... Se a menina não viesse cá buscar-me, é natural que eu passasse aqui a noite... Ora diga-me: do lado d'além ha alguma estalagem onde eu possa descançar?

— «Quem deu lá estalagem! Ha aquella casa que lá vê que é a minha, e mais acima duas ou tres casas de lavradores, que não são capazes de matar a fome a um pobre.

«N'esse caso, não poderei passar hoje d'este lado, por que é tarde, e torno para a estalagem.

— «Lá por falta de casa onde fique não seja a duvida. Venha d'ahi que lá se arranjará para vm.^{ce} uma ceia e uma cama.

«Acceito esse grande favor, e tudo pagarei generosamente, disse Bernardo.

Entrou na barca, e contemplou de perto Thereza. Era uma rapariga de vinte annos, de altura extraordinaria, pulsos e mãos de homem, largura de espaduas, encontros anchos, e desenvolvidos por exercicios de força, um conjuncto de fórmas varonis, excepto no rosto em que haviam traços regulares de uma belleza que não era nem a belleza melindrosa e fina da mulher, que se esmera em enfeitall-a nem aquelle bello descuidado da mulher do campo para quem não ha adornos que não sejam liberalidades da natureza. Achar-lhe-feis demasia de escarlata no rosto, amadores da desmaiada languidez; quizeréis menos luz e mais resguardo nos olhos negros de Thereza, amadores das palpebras flacidas; não sei bem o que uns e outros quererieis; mas o que Bernardo Pires anhelaria, se a intermittente da sessão se convertesse n'outra que vem dos calores d'alma e requeima as fibras que não são alma, fôra de certo aquella que o transportava, com animo sereno, contra a impetuosa torrente do Tamega.

Antonio, irmão de Thereza, quando a barca abordou, já lá estava d'além prompto para arrojear um cabo, se houvesse perigo. Thereza saltou em terra, deu a mão ao passageiro, e disse ao irmão:

«Este homem está doente, e fica comosco até amanhã. Atraca a barca, que eu vou com elle.

— «Mata-lhe a galinha pedrez — disse o sr. Antonio.

Bernardo Pires deitou-se na melhor cama da casa, que era a de Thereza. Esta passou a noite ao lar, supprindo com a fogueira a falta de cama. Na madrugada do dia seguinte o hospede quiz erguer-se para seguir jornada, e não pôde suster-se nas pernas. Chamou o dono da casa e disse-lhe:

«Sinto-me muito doente; preciso da sua caridade por alguns dias; espero que me deixe descançar aqui, por que em nenhuma parte posso estar com mais segurança. Aqui tem o sr. Antonio algum dinheiro. Preciso de um medico; mando-m'o chamar, qualquer que seja a distancia. Posso contar com a sua bondade?

O barqueiro fitava com espanto tres peças de oiro que o hospede lhe pozera na palma da mão, e ouvia com igual espanto a linguagem do homem que elle até ali imaginára apenas um lavrador remediado, ou contractador de gado.

— Vm.^{co} — disse o barqueiro — ha de perdoar se eu não sei com quem fallo. Bacoreja-me que vm.^{co} é pessoa que anda fugida por causa dos governos, e anda assim vestido para disfarce...

«Tudo póde ser, meu amigo, e a sua cara affiança-me que o seu character é bom e honrado. O que eu lhe peço é que não diga a alguém que em sua casa está pessoa desconhecida; e o medico que vier bom será que seja de longe, e que se persuada que eu sou seu parente.

— «Não se atrigue — disse Antonio — vm.^{co} está aqui tão seguro como se estivesse na egreja.

O barqueiro partiu para Villa Pouca de Aguiar, tres leguas distante, a chamar, o medico. Thereza, os intervallos que tinha livres da barca e da azênhã, passava-os ao pé da cama do enfermo. De duas em duas horas trazia-lhe uma farta malga de caldo de galinha, e retirava-se melancolica se Bernardo não tomava d'elle algumas colheres.

«Que trabalho eu vim causar-lhe, Therezinha! — disse Bernardo — Talvez não saiba que de todas as boas obras a que mais agrada ao Senhor deve ser de certo o bem que se faz a um desconhecido nas minhas tristes circumstancias! Se eu estivesse em minha casa, teria á volta de mim muitas pessoas que me estremecem, e me estão agora chorando... Mal sabem ellas em que desamparo eu vivo...

Thereza levou aos olhos o branco avental de estopa, limpando as lagrimas.

«Por que chora Therezinha?

— «Tenho pena de o vêr assim, e não sei o que hei de fazer para vm.^{co} se não lembrar de que está desamparado... Tenha paciencia por alguns dias. Deus ha de melheral-o.

Veu o medico. A doença de Bernardo era uma malina de máus symptomas. Nove dias esteve em risco de morte, e o medico visitando-o diariamente. Em poder de Antonio estava o cinturão do seu doente, recheado de oiro.

Thereza vellava as noites afflictivas de Bernardo. Dormia alguns instantes com a face encostada á arca sobre a qual estavam as garrafas dos medicamentos. Dispertava sobresaltada, mal o enfermo gemia. Outras vezes, ajoelhava aos pés do catré, e resava a corôa de Nossa

Senhora da Guia, á qual votára uma romagem, dando vinte voltas de joelhos em roda da sua capella.

Entrou Bernardo em convalescença. Reparou nas feições de Thereza, e viu-as desmaiadas. Dias depois, consoante recuperava alentos e força, reparou que o rosto da formosa moça reverdecia em flores e graça.

«D'aqui a dias, disse elle, sigo a minha triste peregrinação.

— «Váe-se embora o sr. Bernardo? disse ella.

«Pois eu Thereza, hei de aqui ficar?!

Thereza não respondeu. Imbaciaram-se-lhe os olhos, e tremeram-lhe os beiços d'aquelle tremor que é infallivel presagio de lagrimas. Safu do quarto de Bernardo, foi á azenha, e lançou-se chorando nos braços de Antonio, exclamando com innocente expansão:

— Não o deixes sair de nossa casa; diz-lhe que lhe temos amor como se fosse nosso irmão; e dá-lhe o dinheiro para elle não pensar que precisamos de que nos pague a comida. Se te fôr preciso dinheiro eu vendo o meu oiro, Antonio.

Bernardo estava ouvindo tudo, porque tinha seguido Thereza até ao tabique posto entre a vivenda e a azenha.

Antonio respondeu:

«Tu és tola, rapariga. Pois este senhor é fidalgo em quanto a mim, e rico que basta ver as peças que traz no cinturão, e querias que elle ficasse aqui mettido n'esta choupana!? Tu não vês que elle não é pessoa da nossa egualha?! La se nós tivéssemos outra casa, e melhores arranjos, então sim; mas tu bem vês que não ha senão dois quartos na casa, e tu ha vinte e dois dias que dormes no escabello. O que poderíamos fazer, se elle cá quizesse estar, era mandar fazer mais um ou dois quartos ali para o lado da horta...

«E eu vendia o meu oiro para elles se fazerem — accudiu Thereza mui risonha batendo as palmas.

Bernardo Pires appareceu de subito, e disse:

«Hão de fazer-se os quartos necessarios, sem Thereza vender o seu oiro.

Antonio abraçou-o exclamando:

— «Pois o sr. Bernardo quer ficar connosco?!

— «Ficarei mais algum tempo.

Thereza disse apenas: «Ouviu-me a minha Mãe Santissima.

Ao outro dia, foi chamado o mais acreditado e imaginativo mestre pedreiro d'aquelles arredores. Quando Antonio da Mó lhe estava dando o seu plano de dois quartos contiguos aos dois que já existiam, o architecto riu-se, dizendo: e vossê manda-me chamar para isso que qualquer pedreiro de socalcos podia fazer-lhe?

— «O que o sr. Antonio quer é uma casa feita por este plano — Disse Bernardo, e mostrou-lhe um lineamento que fizera a lapis.

Era uma casa com fachada de doze janellas, portão de carro, portas lateraes, pateos, emfim uma fabrica que assombrou o mestre, a ponto de elle se julgar segunda vez objecto de zombaria.

— «Se o sr. Antonio — continuou Bernardo — quizer esta casa concluida de alvenaria em tres mezes, quantos officiaes são necessarios?

«Com trinta officiaes, dou-a prompta, porque a pedra basta tombal-a da serra cá para baixo.

— «Trabalhe, e aqui tem o signal — disse Bernardo, passando-lhe quantia com que o mestre se poderia dar por bem pago da obra.

«O senhor, pelos modos — disse o pedreiro — é brasileiro parente cá do Antonio...

— «Sou, sim senhor.

Espalhou-se logo dez leguas em circumferencia que havia chegado um brasileiro parente do barqueiro da Granja. Estava salvo o homiziado politico dos funestos resultados da suspeita.

III

Decorreram seis mezes. Estava concluida de pedreiro e carpinteiro a casa. Previamente tinham ido do Porto as alfaias para decoral-a. Na comarca não se fallava de outra coisa. Dizia-se até que o brasileiro mandára abrir n'uma sala duas cisternas onde despejava o dinheiro aos alqueires. Os mais abastados lavradores esquadrihavam a maneira decente de offerecerem suas filhas ao parente do barqueiro. Os morgados circumvisinhos esperavam que elle se aposentasse na casa nova para o irem visitar, e saberem com que juro emprestaria o seu dinheiro sobre vinculos tres vezes hypothecados.

Entretanto, abrem-se as linhas do Porto, triumpham as idéas liberaes de Bernardo Pires, o corregedor de Villa Real é espingardeado, e os parentes do fugitivo correm a Ribeira de Penna para o levarem em triumpho á sua terra.

«Deus é bom e justo! — disse Bernardo — a minha alegria é completa. Começo hoje a viver!

Era n'um dia de Agosto, romagem da Senhora da Guia, cuja capella está posta na chan que se aplanar na quebrada da serra do Alvão.

Thereza foi abi cumprir a promessa das vinte voltas de joelhos em redor da capella. Foram com ella seu irmão, Bernardo, e parentes e amigos de Bernardo, entre os quaes estava um padre.

Thereza deu as vinte voltas: era robusta; mas ás dezoito, bateu com a face na lagem do adro; quiz Bernardo erguel-a; mas ella continuou, quasi de rastos, ficando já os cotovelos na pedra.

Por fim, foi Bernardo que a levantou nos braços entrando com ella na capella.

Será bom que almoces agora, rapariga — disse Antonio á irmã.

— «O sr. Bernardo disse que se havia de confessar hoje, e eu quero tambem confessar-me.

E foi ajoelhar aos pés do sacerdote, primo de Bernardo, em quanto este se confessava tambem. Depois commungaram ambos, e espalhou-se na capella e no arraial que havia um casamento, e muita cachopa conhecida de Thereza estava pasmada do que via e ouvia, por que já a esse tempo Bernardo era tido na conta de quem era, e de toda a parte os fidalgos corriam a cumprimental-o.

Antonio da Mó chegou ao ouvido de sua irmã, e disse-lhe:

— «Andam por aqui a dizer que tu te vais receber com o sr. Bernardo. Olha tu que gente tão bruta!

A este tempo, o fidalgo do Alto Douro, aproximando-se de Thereza, disse-lhe:

«Quando fizeste o voto a nossa Senhora pela minha saude, a Virgem concedeu-te a minha vida para ser tua. Vem ser minha esposa, Thereza. Não te dou a minha mão como um favor, dou-t'a como recompensa.

Thereza recebeu machinalmente a mão que se lhe offerecia, e foi ajoelhar no primeiro degrau do altar-mor. Quando o sacerdote lhe fez as perguntas sacramentaes, Thereza, suffocada pela alegria, que desabafa em soluços e lagrimas, não podia responder.

Um mez depois, D. Thereza Pires foi com seu marido para o Alto Douro, depois de fazerem doação da casa com tudo que ella continha, e mais alguns contos de réis, a seu irmão e cunhado.

N'esta casa é que eu pernoitei, e saciei a fome de tres dias, quando vinha das Alturas de Barroso.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

POESIA POPULAR

Qu'il est doux, qu'il est doux d'écouter des histoires,
Des histoires du temps passé,
Quand les branches d'arbres sont noires,
Quand la neige est épaisse et charge un sol glacé.
Comte ALFREDE DE VIGNY.

A unidade e conservação da physionomia moral de uma nação subsistem nas suas convicções religiosas e crenças populares; e a litteratura e a poesia, para exprimirem um caracter proprio, carecem de ir procurar a estas fontes as suas mais puras e nativas inspirações. «Confessarei esta enfermidade, diz Victor Hugo: amo as tradições, porque são ellas as filhas da religião e as creadoras da poesia.» Nos contos que a superstição idéa e a phantasia dramatiza; nas lendas que os seculos, o terror e a religião consagraram; nas narrativas que a memoria popular archiva, o correr dos tempos oblitera, e os instinctos de rudeza aldeã envolvem nas nuvens do maravilhoso, subsiste a verdadeira mythologia dos povos christãos. «Ah! deixae-nos esses contos que acalentaram a nossa infancia! Não extinguaes essas preciosas centelhas que fulgem ainda á nossa imaginação! Por mais tristes que sejam essas lembranças, parecem-nos ellas sempre dóces comparadas á nossa existencia actual, porque nos transportam á idade feliz em que os dias limpidos da juventude reflectiam ainda a pureza do azul do céu!» Assim exclama João Paulo Richter, n'um d'esses momentos de entusiasmo em que a imaginação do poeta deseja encontrar, na singeleza das recordações do passado, o lenitivo para as asperezas dos annos de provação e angustia.

E não só vê o poeta n'essas suaves e simples recordações um

confôrto, em que o espirito refocilla, parecendo-lhe poder desatar-se dos laços que o prendem aos soffrimentos da idade das desillusões, para se abrigar na innocencia incuidosa da primeira quadra da vida; o poeta procura tambem achar n'estes contos da infancia uma parte do seu ideal, que lhe querem fazer perder, porque é n'esses contos, contos que a superstição dos povos da Peninsula tem creado, a tradição perpetua, e a religião idealisa e purifica, que elle encontra um desafogo natural e sympathico, para as suas tendencias de nacionalidade. Estas tendencias de nacionalidade só deparam com os seus pontos de afinidade nas tradições e lendas que formam a verdadeira poesia popular; porque estas tradições e lendas, desprendendo-se a custo do mysterio que o manto dos seculos tem tornado mais sombrio e impenetravel, e no qual as mãos dos homens não ousam tocar, são muitas vezes uma parte da propria historia, não só ideal, mas intima, de certos povos.

Fallando d'este mesmo assumpto, escrevemos nós já o seguinte, a respeito de um livro, que nenhum melhor para despertar o sentimento vivo e extremamente expansivo do amor d'estas coisas.

«Ha certo genero de livros cuja leitura parece destinada para ser feita n'essas estiradas noites de inverno, em que o frio e a geadas nos convidam a buscar o conchego domestico, assentados com expansiva e intima familiaridade, em circulo apertado, ao calor de um bom brasido. Alexandre Dumas escreveu um d'estes livros, a que pôz o titulo de *Mil e um fantasmas*.

«O titulo d'este livro inculca, á primeira vista, um supremo esforço do genio lugubre e phantastico de Anna Radcliff, capaz de pôr os cabellos em pé a quatro velhãs de lareira, e fazer tranzir de pavôr as creanças mais afeitadas a contos de bruxas e duendes.

«E todavia não é assim.

«Antes de correr essas primeiras paginas, uma certa preocupação, aquella preocupação mysteriosa que suscita tudo que tenha relação com os que já não são d'este mundo, nos obscurece o animo de nuvens pesadas e melancolicas, atravez das quaes julgamos vêr espectros sinistros, revoando-lhes em torno todo esse cortejo de espiritos máos, gnomos, vampiros, larvas, brocolacos, abejões, ogres, trasgos, de que a phantasia dos povos christãos povoa os seus chryptos e cemiterios: mas folheado o primeiro capitulo, a imaginação começa a desanuviar-se d'estas idéas pavorosas, e a curiosidade a seguir, a prender-se, a identificar-se ás scenas que o engenhoso romancista nos põe diante dos olhos tão palpitantes de vida e sentimento pelo effeito prestigioso da singularidade e naturalidade do seu estylo narrativo.»

O assumpto d'esta obra abrange effectivamente uma parte das crenças supersticiosas, legadas pela tradição á credulidade popular. É uma série de contos, que Alexandre Dumas colheu em o norte da França, na Allemanha, e parte da Italia, sem duvida n'uma d'essas suas viagens de phantasia, que elle apprehende com tanta facilidade, e em que, com o album de um turista observador na mão, e sobre as azas da sua imaginação creadora, vóa por toda a parte, assistindo em espirito, tanto aos dramas da paixão humana, e aos grandes espectaculos da sociedade exterior, como ás mais sublimes perspectivas de natureza animada. Apparições, fantasmas, emprasamentos, transes em que o amor e a morte se debatem como inimigos implacaveis além da campa, esconjuros, promessas affectuosas por toda a vida e ainda confirmadas do fundo do sepulchro, tudo o assumpto d'este quadro reune e resume.

As scenas que n'elle se agrupam são tristes e luctuosas; mas tal é a propriedade e esmalte de côres que emprega o pintor para as desenhar e colorir, tão rapido e natural lhe corre o pincel, imprimindo vulto ás figuras que destacam da tella, que os olhos as seguem a eito com a soffreguidão de uma curiosidade anciosa.

Mas não são unicamente os dotes descriptivos do fecundo romancista, que fazem appetecivel a leitura das *Mil e um fantasmas*. Esta obra lê-se e relê-se, e sempre com alvoroço, e sempre com interesse, pela mesma rasão de sympathia que obriga a mariposa a procurar a luz que a consome, o espirito timorato a olhar instinctivamente para o logar que lhe infunde terror, e a alma tribulada pela saudade a achar prazer a excogitar na memoria os motivos da sua angustia. Nas historias de espectros e duendes ha sempre uma attracção, um poder sympathico que arrasta a curiosidade, ainda do homem esclarecido. E a rasão é por que estas idéas supersticiosas não estão no livro, não são creações phantasticas do poeta, estão no animo do leitor, esvoaçam por toda a atmospherá que elle respira, existem nas imagens e crenças que o rodeiam logo no berço, residem nos habitos, no pensar, na credulidade do paiz que viu nascer. «Oh! que prazer eu não sinto de scismar á noite, em quanto me narram uma historia triste! diz Pope. *Oh! How i love, in the evening, to muse over a melancholy tale!* O escriptor, n'este caso, copia mais do que inventa; serve-se antes da memoria do que da imaginação.

E até esses matizes de estylo que pela sua propriedade, que pela sua combinação e sobriedade de tons dão a verdadeira côr, aquella côr de indizível melancolia, aos quadros da obra de Du-

mas, tudo isso nasce espontaneo da indole do mesmo assumpto. O romancista não faz senão expôr esses quadros em ordem, banhal-os de uma luz pallida e serena, e tocal-os com o seu pincel delicado para dar mais relêvo a um ou outro personagem, procurando-lhes o effeito da harmonia das linhas e a rasão dos contrastes.

N'estas lendas e tradições ha a mais sublime de todas as poesias, que é a poesia da crença, que é a poesia do culto da imaginação popular aos séculos que passaram e aos mysterios que ficam.

«Estes contos e narrações podem fazer-nos sorrir, escreve mr. Augustin Thierry na sua obra *Recits des Temps Merovingins*, «podem fazer-nos sorrir, a nós, que os lemos nos velhos livros «escriptos por homens de outras eras; mas no tempo passado, «quando essas legendas circulavam de boca em boca, como a «expressão viva e poetica dos sentimentos e da fé popular, então nós tornavamo-nos pensativos, e não poucos choravam, escutando essas narrativas.»

Pela mesma rasão que os gregos acreditavam em Jupiter e Juno como o symbolo do consorcio mysterioso dos mares; que Neptuno e Eolo levantavam as aguas em medonhos escarcéos; que Venus saía das ondas, descarga o reservatorio da electricidade; que os rios e fontes tinham nereidas, os montes orcades e os bosques driadas e satyros, da mesma sorte os povos slavos acreditam nas valkires e vampiros, e os povos peninsulares em moiras encantadas e estrias, em trasgos, larvas e maleficios. N'uns e outros ha a credulidade popular, vestindo das formas phantasticas certos phenômenos da natureza animada, ou as impressões moraes creadas pela superstição e transmittidas pelas edades. As lendas mythologicas e as ficções runicas e caledonias, as sagas do Norte, e as eddas scandinavas resumem essas crenças reduzidas a symbolos religiosos. É a diversa maneira de ver, sentir e interpretar, segundo o genio das differentes raças. O caracter d'estas fabulas dá a medida dos dotes do seu espirito, e exprime uma das suas mais notaveis feições moraes. Os gregos, imaginosos e brilhantes como o bello céo que os inspirava, conceberam por meio d'aquelles debeis simulacros da vida a materia em acção, explicando por symbolos conhecidos muitos dos arcanos da criação. Os povos celtas rodeados de uma natureza melancolica e taciturna, embrenhados nas florestas e bosques, mas por isso mais concentrados no pensar e sentir, exprimem na religião de seus bardos as suas paixões, presentimentos e desventuras. O vento, gemendo pelo dorso da montanha, é Fingal que pranteia a morte de seus filhos; as nuvens que passam varridas pelo nordeste gellado, são

os espiritos dos guerreiros de Morven, que não podem achar o descanso eterno da sepultura; a mesma lua, que, velada pelos vapores da serrania, surge pallida e como angustiosa, é Mélina, a formosa esposa de Dargo, a quem o véo da melancolia e da viuvez envolve a fronte de dôr e saudade. Sempre a mesma physionomia apaixonada e saudosa em todas estas tradições, como a sorte infeliz d'este povo guerreiro e desventurado.

Os povos do Meio-dia e da Peninsula não são menos graves e taciturnos nas suas ficções supersticiosas, mas o espirito christão bafejou-as de uma doce e religiosa melancolia. Não as consagraram, como o polytheismo e o bardismo, entre o numero das suas divindades, mas, inspirando-as da fé e da esperança, as castas musas do christianismo, deram-lhes um culto na credulidade e na imaginação popular. E tão verdadeiro é esse culto, tão intimo, tão seu, que ahi se tem conservado em despeito do movimento progressivo das idéas e da diffusão dos conhecimentos pelas camadas mais incultas e credulas da sociedade. E a razão é porque a credulidade e a superstição são as duas feições indestructiveis do character popular em todos os paizes. E sobretudo porque o povo, entregue a si mesmo, é sempre o depositario mais fiel de todos os legados tradicionaes. O povo ama por costume essas velhas tradições, essas antigas crenças, contos e lendas em que vê como escripta e animada, a historia do sentir e viver de seus passados. É como uma herança moral com que elle se identifica, perpetuando-a. O povo possui profundamente a fé e o culto das memorias do que passou. Tudo é disposto na sua indole para manter por largo tempo, intacta e solemne, a originalidade local dos costumes e crenças, principalmente quando essa originalidade deriva de uma naturalidade primitiva e distincta. E poucas raças conservam, como a nossa, este amor, esta força de dedicação ao passado e um respeito profundo, e quasi que religioso, ás idéas e factos transmittidos pelos seculos. O paiz de Galles e a Bretanha franceza são ricos d'esta poesia popular; a propria Allemanha ainda guarda inteiras as ficções sombrias dos seus primitivos habitantes. Mas a Peninsula ganha a todos no genio inventivo de suas lendas, na ingenuidade de suas crenças supersticiosas, no perfume de poesia que aromatiza todas as fabulas, narrativas, ficções e lendas da mythologia do nosso povo, e sobretudo na persistencia com que conserva todas estas feições moraes do seu character nacional.

Mas não se julgue que é nas côrtes e nas cidades que se encontra esta poesia: ahi a physionomia nacional está desbotada e contrafeita pelo trato e contacto incessante das idéas, usos e

costumes de uma sociedade estranha e sempre fluctuante. Caminhae pelo interior da nossa bella terra, e entranhae-vos no coração das provincias; visitae os logarejos, entrae nas aldeolas, praticae com os pobres camponezes e aldeões, e serão elles que vos apparellham as côres com que possaes tirar do natural a grave e solemne figura do velho Portugal. Conhecereis e ouvireis então os nossos contos e lendas, que equivalem e excedem os tediosos e sensuaes enredos mythologicos: conhecereis então que temos poesia nacional, que temos a formosa moira encantada, penteando no adarve derrocado os lindos cabellos de oirô com o seu pente de marfim, junto da qual a superstição popular imagina ramo de peste represado em talha de metal precioso, sotterrada na torre do Emir, que os seculos derruiram. Vereis que temos o castello encantado, a cisterna mysteriosa, povoada de eccos sinistros, origem de historias, chacaras e saláos, em que um castellão tyranno é sempre levado em corpo e alma para as profundas dos infernos por um espectro vingativo: vereis o cemiterio na lombada da serra, onde lá pela calada da noite alvejam os espectros e revoam em turbilhão os psyllios, e os aspioles, as estrias e os vampiros: vereis que temos mil hediondas feiticeiras, mais sordidas e esqualidas que as de Schiller e Shakspeare, as quaes em sitio ermo, no mais escuro e fundo da floresta, se congregam no seu sabbado, traçando enredados, e mysteriosos circulos, do centro dos quaes surge Satanaz sob a figura de cão negro, chispando-lhe os olhos como brazas: vereis que temos os lobishomens, que a deshoras se vão espojar no lameiro da encruzilhada, correndo o seu fadario pelas ruas sós, arrancando uivos de pavor á matilha de rafeiros que o segue espavorida: vereis que temos cardumes de bruxas, lampejando sobre os fetidos e verdinegros brejos, como perilamos em noite estiva, dando estallidos semelhantes a gargalhadas esganiçadas, com que desvairam e enlabyrintham o caminhante pela devesa da charneca: vereis que temos tambem formosas fadas com a sua vara *com o condão que Deus lhe deu*, apparecendo ao pôr do sol sobre o derrocado panno da muralha mourisca: vereis que temos os cryptos das gothicas cathedraes onde o vento, gemendo de encontro ás arcarias subterraneas, imita os prantos lugubres das almas em pena: vereis que temos o aventesma percorrendo os arredores da freguezia da aldeia, na estrada e borrascosa noite de inverno, pondo medo a todos os bons camponezes supersticiosos: vereis que temos o trasgo saltinhando de entre as estevas do vallado, junto do erimiterio, correndo apoz a timorata aldeã: vereis que temos os maleficios, os energumenos, sortilegios e

maus-olhados, a *mulher de virtude* lendo sinas, deitando cartas, fazendo a sorte da peneira, da agua, do gato preto, do focinho do cão, salgando a porta, accendendo a mão do finado, e, desgrenhada, com os olhos faiscantes e a bocca lufando espuma de inspiração diabolica, a prophetisar destinos entre alaridos e conjuros: vereis que temos os agoiros como o da mariposa negra, do bizoiro, do encontro do saimento, do cão a uivar com os olhos na lua, da galinha cacarejando como o galo: vereis em fim que temos infinitas e poeticas crenças primitivas, lendas e narrativas, usanças e costumes festivaes, uns originariamente nossos, outros que nos deixaram os povos invasores, como as janelas e maias, festividades gentilicas; os folguedos de S. João, com os seus descantes e folias, fogueiras e sortes, bochechos e palmitos, legados pelos filhos de Agar; as festas da Paschoa, com o seu *pão por Deus*, os brindes do Natal, com a sua missa do Gallo, bolos de festa e outros ingenuos e poeticos usos quasi de origem patriarchal, que nos transmittiram os hebreus.

Eis em rapido bosquejo os principaes symbolos e mythos da nossa verdadeira poesia popular. Não é uma poesia hyerarchica, sacerdotal e voluptuosa, como a dos gregos e romanos, aérea e contemplativa, triste de presagios e previsões, como a das lendas scandinavas; é uma poesia que liga estreitamente a existencia social do nosso povo com a sua physionomia moral; risonha e imaginosa como a das ficções hellenicis, e ao mesmo tempo grave e meditativa como os cantos dos bardos gaulezes; povoada de idealidades inspiradas pelo estro inventivo do genio arabe, mas perfumada pela suavidade da melancholia christã; que reproduz o nosso viver, que dá sentimento, feição e character a muitos dos nossos usos; que folga e risonha nas chorêas e festividades campestres; que entra nos cemiterios e quebra os segredos da campa; que prevê um mundo de esperanças e gosos ineffaveis, allumia-dos por todo o fogo da fé, além d'esta existencia terrena e ephemera; que medita e se perde pelas nuvens do passado em frente das ruinas seculares; e que cerca a alma apaixonada de todo esse olympo de crenças populares, onde o amor infortunado acha sempre uma promessa vaga de felicidade.

E todavia, esta poesia tem sido despresada pelos nossos vates e romancistas, quando n'ella residem as mais limpidas fontes da inspiração nacional. Foi o auctor de *D. Branca*, que apontou para ella, como para muitos outros monumentos da nossa nacionalidade esquecida. Foi elle que, depondo o plectro classico e tomando a harpa dos trovadores, rompeu n'esta abjuração das divindades pagãs:

Aureos numens d'Ascreu, ficções risonhas
Da culta Grecia amavel, crença linda
Da Venus bella, Venus, mãe d'amores,

.....
..... teu culto abjuro;

Tuas aras profanas renuncio;

Professei outra fé, sigo outro rito.

Mas o exemplo do illustre poeta não foi seguido com aquella fé e convicção que fundam as verdadeiras escolas, e produzem os seus monumentos mais caracteristicos. João de Lemos, na sua formosa *Invocação*, accordou estes éccos que iam adormecendo; varios engenhos mais tem procurado depois inspirar-se do *sol da sua terra, dos montes d'ella*, como diz o bardo do Mondego, mas tem sido tentativas sem seguimento, que depois affrouxaram. E para nós é de fé, que um grande serviço fazia á nossa litteratura o romancista ou o poeta que procurassem dar vulto e vida a todas essas tradições apagadas ou esquecidas, que jazem por essas nossas provincias, e que são ao mesmo tempo a historia de muitos monumentos em ruinas, de muita tradição quasi a escoar-se por entre as trevas do esquecimento, e de muita crença piedosa que resume simultaneamente algum traço da nossa existencia intima e as naturaes propensões da nossa imaginação, o que tanto val como se dissessemos, que resume as fontes da litteratura portugueza e a expressão da sua indole moral.

J. M. DE ANDRADE FERREIRA.

A QUINTA GRAVURA

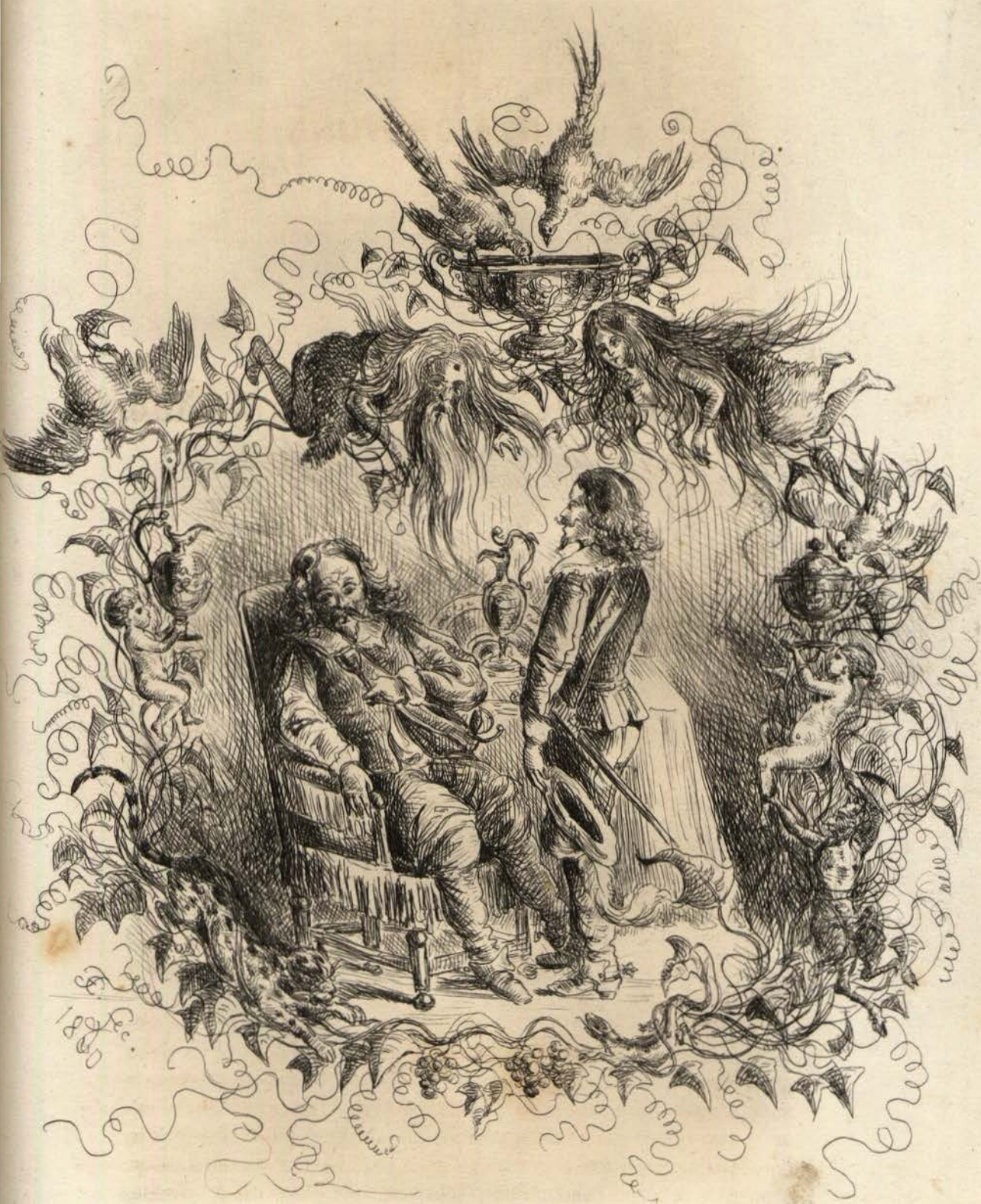
DE

S. M. EL-REI O SENHOR D. FERNANDO

A gravura que hoje illustra este numero, é a quinta que o real artista firma com o seu nome. Pertence-lhe quasi toda a galeria que adorna o primeiro volume da *Revista Contemporanea*. Foi collaborador effectivo e dedicado. Provou assim que a alma do artista está á altura do coração de rei. Este é grande como a esphera em que se dilata; aquella é generosa e entusiasta.

As obras seguem-se e renovam-se com rapidez notavel. Vê-se que a mão que as executa, está affeita áquelles trabalhos, provando na espontaneidade e segurança dos traços uma longa pratica e uma incontestavel vocação. Em tudo que faz inspira-se quasi exclusivamente da sua phantasia, e d'ahi resulta o cunho de individualidade que se observa nas suas gravura. N'esta, que hoje apresentamos, e que foi expressamente executada para o nosso jornal, n'esta, repetimos, mais do que em nenhuma das outras se encontra a originalidade que distingue o regio artista.

E não julgue o leitor que aquelle pequeno quadro foi pensado, meditado e esboçado antes do buril se cravar no cobre! Aquellas duas figuras foram imgainadas e gravadas ao mesmo tempo. Representa a estampa uma conversa entre dois amigos, procurando estes espiritualisa com libações amiudadas, das quaes resultou um d'elles, o que está sentado, principiar a cafr n'um lethargo conhecido em taes casos. A cabeça e o corpo pendem-lhe insensivelmente para o lado direito,





e o copo já mal se lhe segura na mão. No outro ha a impavidez e sobranceria do homem que contempla satisfeito a inferioridade bachica do seu conviva e competidor. Mas aonde mais se admira a facilidade que o real-artista revela no improviso, é na cercadura que ornamenta o quadro. Ha ali uma infinidade de accessorios, extravagantes e originaes, tantos, que muitos d'elles nem se percebem á primeira vista: mas todos dispostos com arte e entrelaçados com graça. Analysal-os detalhadamente seria difficil; deixamos portanto aos nossos assignantes o surprehendimento da observação.

A conveniencia intima e diaria em que S. M. El-rei o sr. D Fernando está com os principaes e melhores gravadores do mundo, dos quaes possue muito valiosas producções, aviva-lhe a imaginação e apura-lhe o gosto. São extraordinarios os volumes e volumes d'este genero de obras que povoam as ricas estantes dos regios aposentos, onde todo o mundo exterior nos fica parecendo pequeno e miseravel ao contemplar as maravilhas de arte que os guarnecem. Só na contemplação sente-se ali vigorar a intelligencia, e fortalecer o espirito.

Brevemente, esperamos, poder mimosear os nossos leitores com a descripção das obras de arte que enriquecem aquellas galerias, onde o bello encontrou um legitimo apreciador e um desvelado cultor.

A *Revista Contemporanea* mencionando frequentemente o nome augusto do seu regio collaborador, desempenha-se de uma divida que tambem frequentemente contrae. Portugal dá n'isto um exemplo que atesta como a realesa aqui se está identificando com o seculo, e como as corôas artisticas vão subindo na estimação do mundo que tantas vezes se encontram a par dos diademas soberanos.

Luiz de Baviera, fazia poemas escriptos. Fernando de Portugal, traça poemas gravados. N'um e n'outro caso a arte não se julga fóra do seu logar por se ter assentado no throno. Nem é novo n'este paiz, que as boos letras e as boas artes dêem no solio lições practicas de esmero e cultura. As livrarias nacionaes conservam com apreço o livro de um rei que é o livro de um philosopho: a *Revista Contemporanea* archiva successivamente as obras de um artista, que são as obras de um rei.

ERNESTO BIESTER.

A CRUZ E O CRESCENTE

VISÕES — RECONTRO — FUNERAES

Á BRIOSA NAÇÃO HESPANHOLA

Na pessoa do seu Representante em Lisboa

O SR. D. NICOMEDES PASTOR DIAZ

I

VISÕES

..... Mira una sombra,
Que lenta crusa las oscuras auras,
Girando em mi reedor... Mi fantasia
Rápida como el viento vuela, salva
Los apiñados siglos, y altos nombres
De los sepulcros y del polvo saca.

DON ANGEL DE SAAVEDRA—*El Moro Exposito*

I

Passava o mouro em frente das muralhas,
Onde um fero estandarte açouta os ares
Vibrando como um écco de batalhas,
Que o vento leva aos africanos lares.

Eram de Ceuta os bastiões, crestados
Do ardor do sól, do hálito do abysmo,
Ind'agora na fronte assignalados
Do sangue antigo, portuguez bápismo.

Baptismo e sangue e nome gloriosos,
Que eterna, aos pés da fortaleza escura,
Nos suspiros, que o mar geme saudosos,
A grande voz dos seculos murmura!

Pára n'um alto o filho da montanha,
E encara. Vê na praça constellada
A dura garra, que o leão da Hespanha
Estende sobre a rocha avassalada

Vago e funebre o olhar á immensidade
Sombrio allonga; depois ardente o crava
Na robusta cintura da cidade,
E em funda imprecação soluça: «escrava!»

O soberbo pendão da meia-lua,
Que sem cessar o barbaro deplora,
Sobre as negras ameias não fluctua
Reptando a christandade como outr'ora.

Vigia a cruz nas portas reforçadas
Detendo o passo às multidões frementes,
E as chaves d'ellas, sempre cubiçadas,
Do collo dos canhões estão pendentes.

Contempla o mouro inuteis força e dolo
Contra o que excita seu furor selvagem.
«D'aqui não passarás» proclama o solo
Nos trophéos, que lhe intimam vassalagem.

N'alma lhe pésa, mais do que na terra,
O padrão triumphal, que tem á vista,
E ao som remoto das canções de guerra
As tradições lhe occorrem da conquista!

II

Desce a noite, e o serrano solitario,
Mudo e fatal, por entre a nevoa densa,
Colhe o branco albornoç, como um sudario,
Recurva o braço, cobre o rosto... e pensa.

Eil-o estatua no pincaro. Medita!
No interno cáhos do espirito profundo
Invisível um mundo se lhe agita,
E d'entre os évos lhe resurge um mundo.

Os velhos tempos da pujança esquivã
Á accesa phantasia lhe arremettem,
E a temeranda historia, rediviva
Nas lendas dos avós, que os paes repetem!...

III

Lugubre sôa e tremendo
Á margem do Estreito um brado,
Que pelo espaço assombrado
Prolonga um ecco sem fim.
A Africa inteira estremece.
É a voz d'um parricida,
Que os filhos d'Allah convida
Dando a patria por festim.

Dos gigantescos fragedos
 Respondem ao impio grito
 Pelas fendas de granito
 Os rugidos dos leões;
 E o Atlas, titão prostrado,
 Soprando a borrasca aos ares,
 Ergue em procella dois mares
 No tremor das convulsões.

O horisonte, que fulgia
 De ouro e de azul esmaltado,
 Todo em turbilhões nublado
 De repente escureceu,
 Qual se d'Eblis¹ a aza immensa,
 Varrendo os plainos sem termo,
 Arrojava desde o êrmo
 Os areaes contra o ceu.

Triumpho o Islam! Gloria aos crentes!
 Este horror é sua aurora;
 É um raio, que devora,
 Do seu astro o amanhecer.
 Novo planeta, o crescente
 Surge, e meio mundo inflamma:
 É-lhe dia a extensa chamma
 De vinte imperios a arder.

D'entre os sanguineos vapores
 D'essa cratera abrazada
 Rompe a mullidão cerrada
 Dos cerrados esquadrões:
 Vão soberbos, guiados
 Pelos heroes do exterminio,
 Tem a terra por dominio,
 Por escravas as nações.

Faz a luz do vasto incendio,
 Como signo das vinganças,
 N'uma seára de lanças
 Um vergél de sóes fulgir.
 Á frente, audaz meteoro,
 Brilha e cega a cada instante
 O lampejo fulgurante
 Da cimitarra do Amir.

¹ EBLIS, *Lucifer* na mythologia mahometana.

Quando passa glorioso,
Turbando os povos de espanto,
Das alvas dobras do manto
Saccode o negro terror.
É do Khalifa o enviado!
Seu braço, potente e forte,
Enche os abysmos da morte
Co'as palmas do vencedor.

IV

Lá galga á costa fronteira,
Fulmina, devasta, inunda,
Tempestade furibunda,
O vendaval dos corseis!
Sob os seus ferros estallam,
Como ramos destroncados,
As tiaras dos prelados,
Os diademas dos reis.

O crescente, fouce enorme,
Ceifa as torres como espigas,
E as alcáçovas antigas
Corta rentes pelo chão.
Mudos choram, sobre a cinza
Profanada de impiedades,
Os espectros das cidades
Dispersos na solidão.

De pavor nas velhas cryptas,
Onde o musgo triste medra,
Abrem os olhos de pedra
A estatua dos avós.
Exhalla a campa — oh! mysterio!
Hórrida queixa, sahida
De peitos, que não tem vida,
Por labios, que não tem voz.

Dos mosteiros fumegantes
No vasto recinto aberto
Passa o vento do deserto
Sobre as ruinas do altar.
Triumpho o Islam! Notificam
Seu imperio ao Occidente
Os rios, que em rubra enchente
O sangue bolsam no mar.

O Islam triumphá ! Nas brenhas
 De Cantabria e das Asturias
 Fugitiva d'estas furias
 Já se esconde humilde a cruz,
 Em quanto o Amir formidavel
 Em fim repousa na alfombra,
 A que dá pávida sombra
 Um bosque de alfanges nus.

Ébrio de morte e de presa,
 Tem a seus pés a victoria !...
 Eis a recompensa e a gloria
 Dos predilectos de Allah.
 Assim na terra sujeita,
 Eterno como o destino,
 De pólo a pólo divino
 O crescente reinará !

V

Breve um seculo transcorre.
 Na sombra mysteriosa
 Outra visão dolorosa
 Segue a visão triumphal :
 O soturno vulto immovel,
 Que um secreto horror abála,
 Ergue a mão para affastal-a
 Com um gesto sepulchral.

Nas indómitas agruras
 O vencido se vigora.
 Depois de Oniz, vem Zamora ;
 Depois de Zamora, Alid.
 Redempção cabal, suprema,
 O heroico ferro prepara,
 Que ao Cid Afonso legára,
 Que a Fernando lega o Cid.

Do resgate é santo emblema
 A cruz no punho da espada.
 Nova estrella de alvorada,
 Scintilla em nova manhã.
 Cresce, alonga-se, fulgura
 De claridades mais vivas...
 Ai ! nas trevas primitivas
 Sepulta o ástro do Islam !

VI

N'isto o mouro despertando,
 Corre co'a vista os espaços...
 Abre a cruz na Almina¹ os braços,
 Da cruz distingue o perfil.
 Duvida, e os eccos da noite
 Interrogar inda intenta...
 Na vaga, que se lamenta,
 Ouve as queixas de Boabdil!²

VII

Uma lagrima sente, de que pasma;
 A furto desce as cuspides fragosas,
 E esvae-se, como um palido phantasma,
 Na sombra das gargantas tenebrosas!

VIII

Outro passa como este; e apoz milhares
 E o mesmo sentimento os punge e opprime;
 E ao longe, no vão negro dos algares,
 Co'a vingança a fereza scisma o crime.

Intermittente, um som, que horrendo voga,
 Vindo d'além, commove a humidade.
 N'uma orgia de sangue desaffoga
 O Berbér alliado à tempestade.

O odio antigo revive intenso e ardente.
 De tribu em tribu, do deserto à serra,
 Sobre o velho Moghreb e a rude gente
 Corre um vasto rumor, que eccoa: «guerra.»

Sopra d'Asia o tufão à cinza os lumes.
 O incendio lavra, a labareda aponta,
 E o crescente, acerando os curvos gumes,
 Em desafio à cruz, a cruz affronta!...

¹ ALMINA, hoje *montanha do Hacho*. É a *Abyla* dos antigos, fronteira a *Calpe*, ou morro de Gibraltar. É uma das columnas de Hercules. A cordilheira da Almina, á raiz da qual desembarcou o infante D. Henrique, cobre ao Norte a península de Ceuta. A coroa da eminencia, da parte do mar, é cingida de fortificações respeitaveis.

² BOABDIL, ultimo rei mouro de Granada. Com elle acabou o dominio sarraceno em Hespanha.

XI

Treme o barbaro Islam! Forte e guerreiro,
De magnanima audacia arrebatado,
Toma o repto, ergue a luva um povo inteiro,
E desce á arena, intrepido soldado.

Brilha a cruz em seu peito, e em sua historia,
Do berço á campa alonga-lhe a esperanza ;
É-lhe impulso ao porvir, a stirpe gloria,
A cruz patria, a cruz fé, a cruz herança!

Amargue o mouro as pérfidas vindictas!...
Dardeando ás nuvens o clarão de um raio,
Fulge d'outra Isabel nas mãos invictas
A vencedora espada de Pelayo!

(Continúa)

JOSÉ DA SILVA MENDES LEAL JUNIOR.

GALERIA DE NAVEGADORES CELEBRES

II

PEDRO FERNANDES DE QUEIROZ

Era passado um seculo depois que Christovão Colombo dotára a humanidade com um novo mundo, quando Pedro Fernandes de Queiroz intentou descobrir tambem um continente incognito, de cuja existencia foi elle o primeiro a conceber a idéa, diz Cook, e á procura do qual consagrou os esforços de toda a sua vida.

«Verificada a existencia de um continente antartico, apenas ficava resolvida uma questão de geographia, sendo, como são, inhabeis para qualquer cultura aquellas estereis paragens» dissemos nós em outro numero d'este jornal,¹ e dissemos bem; mas não era d'essa opinião, ha dois seculos e meio, o ousado navegador Queiroz, que, segundo Torquemada, esperava ganhar na descoberta *muitas almas para o céu e muitos reinos para a Hespanha*.

Queiroz era Portuguez, nascido em Evora, parece que oriundo de uma familia israelita; ignora-se porém a data do seu nascimento. Morreu no Panamá em 1614, indo de viagem para Lima, com tenção de continuar as suas explorações no circulo polar antartico.

Dizemos que Pedro Fernandes de Queiroz (designado por alguns escriptores com o nome de Fernando de Queiros) era portuguez, porque assim o affiança Solorzano, dando-lhe por berço a cidade de Evora; este auctor, que conheceu pessoalmente o filho de Pedro Fernandes, (Francisco de Queiroz, que foi cosmographo mór do reino), merece mais credito do que La Renaudiere (*Biographie Universelle Michaud*)

¹ N.º 3. Pag. 136.

que lhe chama hespanhol. Como no seu tempo Portugal estava sujeito ao dominio de Castella, e por tanto Queiroz serviu sob o pendão dos Leões, facil era o equivoco. O sr. Ferdinand Denis que, segundo nos consta, e é affiançado por Charton no livro *Voyageurs anciens et modernes*, fez estudos especiaes ácerca d'este grande navegador, dissipará, provavelmente, todás as duvidas sobre o assumpto.

Malte Brun que tambem tomou por hespanhol o nosso Queiroz, diz fallando d'elle e do seu companheiro de aventuras, Mendana, «que foram os ultimos heroes da Hespanha, e que com elles se extinguiu o espirito emprehendedor que levou Colombo ás antilhas e Cortez aos paços de Montezuma.»

Era tal o enthusiasmo de Queiroz pelas descobertas, que gastou toda a sua fortuna em expedições navaes, e nunca solicitou do rei e dos grandes senão auxilios para proseguir nos seus penosos trabalhos.

O que sobretudo pretendia achar o grande navegador era um continente austral, que de facto suppoz haver encontrado. E seria isto uma illusão de visionario? Não.

A America havia apparecido um seculo antes, mostrando que o globo era maior do que o suppunham os geographos antigos, e estabelecendo o necessario equilibrio de continentes a leste e a oeste do grande Oceano; porque não haveria uma terra austral para equilibrar o peso das terras septentrionaes da Europa, Asia e America, realisando no sentido de norte a sul, o que o novo Mundo realisára no sentido do nascente ao poente?

De facto lá estão muitas ilhas, e outras terras não classificadas, e até mesmo o capitão americano Charles Wilkes poz o nome de *Continente antarctico* a uma terra recentemente descoberta por elle entre os gelos do austro: no que porém se illudiu Queiroz foi na supposição de que lá encontrar um paraizo animado onde só existe a esterilidade e o silencio.

Acompanhemos em suas trabalhosas aventuras este rival de Colombo, tão sabio, perseverante e infatigavel como o ousado genovez.

A 11 de Abril de 1595 saíram do porto de Callão de Lima quatro embarcações hespanholas, tripuladas por 368 homens, e destinadas a fazer descobertas nos mares do sul, e a estabelecer uma colonia na ilha de S. Christovão. O chefe d'esta frota era Alvaro de Mendana, e seu primeiro piloto Pedro Fernandes de Queiroz.

N'esta viagem descobriram elles as ilhas *Marquezas de Mendonça*, nome que o capitão lhes deu em honra do governador do Perú, o archipelago de *Santa Cruz* e outras ilhas solitarias; porém o capitão falleceu antes de chegarem a S. Christovão, nomeando em seu testamento para commandante da esquadra a sua mulher D. Izabel Bar-

reto, que o acompanhava na não *S. Jeronymo*. Queiroz continuou a dirigir a navegação da frota, que então já constava só de tres navios, por ter desaparecido a *almiranta*, isto é a não em que ia o almirante ou segundo capitão da armada.

O estado das embarcações, da saude das suas equipagens, e dos mantimentos era o mais assustador possível; o desanimo accommettia mesmo os valentes; só Queiroz conservou sempre a placidez de animo e a coragem, quer bramisse furiosa a tormenta, quer bradasse ameaçadora a sedição.

Depois de innumerados trabalhos resolveram buscar abrigo em Manilla; mas até á vista do porto desejado os perseguiu a fatalidade. O vento contrario não deixava chegar ao porto a não *S. Jeronymo*, e os seus tripulantes pertendiam que Queiroz encalhasse a embarcação para se salvarem a nado, porém o valente piloto portuguez, lançando em rosto aos amotinados a covardia de tal acto, a infamia de abandonarem as mulheres e os doentes que estavam a bordo, e que não sabiam ou não podiam nadar, alcançou sustel-os até á chegada de soccorros que vieram de Manilla.

«Morremos de fome e de sede! Dae-nos de comer» era o grito unisono dos tripulantes da *S. Jeronymo*, ao verem approximar-se do costado da não um barco carregado de viveres.

Das outras embarcações da frota soube-se apenas que a galeota *São Filippe* aportou a Mindanao, onde muita da sua gente morreu de fome; e que a fragata *Santa Catharina* appareceu sobre os recifes de uma ilha com toda a sua equipagem morta. Da almiranta *Santa Izabel*, nem do seu almirante Lope de Vega e tripulantes da não, nunca mais se soube.

Assim terminou esta primeira viagem, em que figura o nome de Queiroz, mas não acabam com ella as peripecias da aventureira existencia do Colombo portuguez.

Depois de haver acompanhado ao Mexico a viuva de Mendana, seguiu Queiroz para Lima, aonde apresentou ao vice-rei duas memorias sobre a utilidade de se continuarem os trabalhos de exploração nos mares do sul, começados por elle e por Mendana. Queiroz offerecia-se para dirigir a nova expedição; mas entendendo o vice-rei que a tentativa de uma tal empreza estava fóra do alcance da sua auctoridade, limitou-se a dar-lhes cartas de recommendação para o governo hespanhol, com as quaes e com a sua tenacidade e crença viva na existencia de um novo mundo austral, partiu Queiroz para a côrte de Hespanha.

Cinco annos de fervorosas instancias, oito memoriaes dirigidos aos reis Filippe II e Filippe III, a protecção mesmo de alguns amigos poderosos, não poderam obter para Queiroz o trabalhoso encargo de dirigir uma nova expedição aos mares do sul.

Cançado de esperar debalde em Madrid, partiu para Roma no anno de 1600, a impetrar pessoalmente a protecção do ministro de Castella junto á Santa Sé; este apresentou-o ao papa, e Clemente VIII que avaliou o merecimento de Queiroz, recommendou-o ao monarcha das Hespanhas e das Indias.

Assim escudado apressou-se o infatigavel navegador a voltar a Madrid, porém só em 1605 obteve deferimento á sua nobre pretensão, isto é, plenos poderes de Philippe III para escolher e armar em Lima os dois navios que ali achasse mais proprios para a projectada expedição polar.

Apenas alcançada a auctorisação embarcou-se Queiroz para o Perú, aonde encontrou no vice-rei a mais leal coadjuvação para preparar a frota com toda a actividade. Esta armada que se compunha apenas de duas náos e uma zavra, largou de Calláo de Lima a 21 de dezembro de 1605.

As náos, segundo a opinião de Torquemada, na sua *Monarchia indiana*, eram as mais bem construidas e as mais fortes em artilheria que haviam até então sulcado aquelles mares.

Queiroz foi successivamente descobrindo: a ilha da *Encarnação*, pequena e rasa; a de *S. João Baptista*, alta e plana; a de *S. Telmo*, cercada de um recife de coral; as *Quatro coronadas*, pequeno archipelago inabordable; as ilhas de *S. Miguel*, *Conversão de S. Paulo*, e a *Dezena*, (assim chamada provavelmente, por ser a decima que descobriam), chrismada mais tarde em ilha do *Boudoir* por Bougainville.

Todas estas ilhas suppoz Queiroz que fossem deshabitadas e inhabitaveis, e por isso de nenhum valor o seu encontro; porém a 10 de Fevereiro de 1606 descobriu terra fertil e povoada de gente branca, a que deu o nome de *ilha Sagitaria*, ou do *Sagitario*, formoso torrão conhecido hoje pelas designações de *Taiti* ou *Otahiti*, verdadeiro paraizo da Oceania.

Depois de estabelecer amigaveis relações com os habitantes da *Sagitaria*, partiu Queiroz em demanda de novas terras austraes, e descobriu as ilhas *Fugitiva*, do *Perigrino*, de *S. Bernardo*, da *Gente formosa* (denominada assim pela belleza das suas mulheres, posto que os hespanhoes experimentassem a ferocidade dos habitantes do outro sexo) a grande ilha de *Taumaco*, a de *Tucopia*, a de *Nossa Senhora da Luz*, e finalmente a ilha do *Espirito Santo*, assim chamada hoje, e á qual o descobridor impoz então o nome de *Terra austral do Espirito Santo*, julgando-a parte de um continente. Esta ilha é uma das que compoem o archipelago visitado posteriormente por Bougainville e por Cook, e denominado *Grandes Cycladas* pelo primeiro, e *Novas Hebridas*, pelo segundo.

Em consequencia do máo estado do seu navio, não poude Queiroz

proseguir na volta do sul, e arribou ao Mexico, tendo descoberto tantas ilhas em menos de nove mezes de viagem.

Esquecendo as fadigas e os perigos da ultima expedição, com o entusiasmo de verdadeiro *homem do mar*, Queiroz vòou á côrte, a impetrar de Philippe III os meios para fundar uma colonia na terra do Espirito Santo; e por essa occasião dirigiu-lhe uma memoria, que se acha impressa e traduzida em varios idiomas, da qual vamos dar uma succinta idéa porque pinta o character do ousado navegador.

Depois de referir os perigos passados, as contrariedades que teve a superar, os incommodos pessoaes que soffreu, e como esgotou toda a sua fortuna proseguindo na empresa da descoberta de uma terra, que elle julgava igual em tamanho á Europa e Asía menor reunidas, acrescenta afoitamente: Este paiz incognito é a quinta parte do globo terrestre, e de tal extensão que deve conter seguramente o duplo dos reinos e senhorios que V. M. possui hoje.

Fazendo em seguida uma lisongeira pintura do paiz descoberto e de seus habitantes, e exagerando até ao infinito a riqueza e bondade da nova terra, conclue pedindo a brevidade do despacho, com uma exclamação que denuncia a heroica impaciencia do valente marinheiro: Os galeões estão promptos, diz elle, e temos muito que navegar...¹

Esta memoria não communicou ao rei nem aos ministros o entusiasmo do seu auctor; ao cabo de alguns annos gastos na expectativa de resultado, voltou Queiroz ao Novo mundo, com esperanças de alcançar ali o que não encontrára na côrte, os meios de emprehender nova viagem, porém morreu, como dissemos, antes de chegar ao Perú, em 1614.

Para prova de que Pedro Fernandes foi devidamente apreciado pelos homens sabios do seu tempo, basta lançar a vista sobre qualquer mappa-mundi dos fins do seculo XVI, onde difficilmente deixará de encontrar-se o perfil de um grande continente austral; na carta que acompanha o livro intitulado: *Descriptio ac delineatio geographica detectionis freti, etc.* (impresso em Amstardam, 1612) vêem-se os contornos de um grande continente antarctico, com este titulo: *Terra per Petrum Fernandez de Quir recens delecta olim vero sub nomine TERRÆ AUSTRALIS INCOGNITÆ celebrata.*

Este grande navegador, tão esquecido dos nossos chronistas, e denominado castelhano por alguns dos estranhos que se occuparam das

¹ A aludida memoria foi impressa originalmente no idioma castelhano, em Sevilha, 1610; publicada depois em latim, na cidade de Amstardam, em 1613; e traduzida para francez, e impressa em 1617. Qualquer d'estas edições é rara, mas encontra-se reproduzida textualmente no livro de viagens de mr. Charton, tomo IV, pag. 230 e seguintes (Paris, 1837.)

suas descobertas, foi para as regiões polares do sul o que Córte Real foi para as do norte, o alferes europeu, desenrolando o estandarte da civilização na extremidade do mundo.

Em quanto mr. Ferdinand Denis (a quem as letras portuguezas já devem tantos favores) não publica o seu trabalho ácerca da vida e feitos de Queiroz, receba a memoria do grande navegador o humilde tributo de respeito e admiração que lhe consagra o pobre e obscuro marinheiro.

F. M. BORDALLO.

CHRONICA

Sempre me custou a perceber como se podesse alliar a musica á philosophia, porque o raciocinio sempre fugiu espavorido do dominio das sensações. Noentanto, os *criticos profundos* declaram Meyerbeer o maestro philosophico por excellencia, e asseveram-nos por fim que a sua musica... é verdadeira *musica scientifica*. Musica scientifica!... que violentada e antipathica alliança de palavras! Pois os impulsos e enleios do coração, pois os suaves e contemplativos extases da phantasia, que traduzem nas expansões do estro musical os seus arrebatamentos, os ineffaveis arrobos da alma apaixonada, as mais insinuantes satisfações do espirito jubiloso, podem lá nunca medir-se pelas reflexivas e geladas deducções da sciencia! A musica é lyrica por essencia: nasce da alma e inspira-a a natureza: tanto val como se dissessemos que exclue toda a philosophia. Onde principia a philosophia, acaba a musica; porque o coração e a phantasia, os unicos estimulos, os unicos fogos que inflamam as sensações exaltando-as aos seus mais doces e meigos arrebatamentos, não raciocinam. São os mais declarados inimigos da sciencia. D'ahi a proverbial antipathia do poeta ao sabio, e do sabio ao poeta. *Qu'est-ce que la prouve?* perguntava La Place, vendo a producção de um poeta? *Para que servirá isto?* diria o poeta, se se offerecesse occasião de folhear o livro da *Theoria analytica das probabilidades*, ou qualquer outro dos monumentos de saber do immortal geometra.

Ó grande, e inspirador Rossini, tu nunca escreveste musica philosophica, e és o primeiro compositor dramatico da scena lyrica! E feliz tu, suave e melancholico Bellini, que has de ser escutado e applaudido sempre em quanto o homem possuir um coração, e mais nunca te inspiraste senão da paixão immensa que transbordava d'essa alma que incessante voava nas regiões vagas, em que parecem ser os unicos incentivos o amor e a saudade!

Creio que vou proferir uma grande heresia, mas lá vae. No meu entender Meyerbeer ha de passar de moda. A musica scientifica tem estes perigos. As composições do profundo maestro, dentro em annos, hão de passar de theatro para as academias. Hão de ser escutadas como grandes modêlos de composição musical; mas as platéas, que se impressionam por outra ordem de causas, preferirão as operas que lhes accordem as sensações áquellas que as obriguem a pensar. O publico quer *ver* e *ouvir* no theatro, e não quer penar; e o auctor do *Propheta* e dos *Huguenots* quer que o publico pense, e cogite até. Todos sabem a passagem occorrida entre elle e Scribe, a respeito de um *S*, terrivel e significativo *S*, mais symbolico que qualquer das letras do banquete de Baltazar, e que esteve a ponto de lhe fazer mudar um trecho musical no *Roberto*. *Nous les tenous*, havia escripto Scribe, fallando dos jogadores, quando ganham a *Roberto*; mas Scribe escreve mal como todos os litteratos; de que se seguiu Meyerbeer ler *nous le tenous*. A falta pois de um *S*, o que elevava o pronome ao plural ou o deixava no singular, foi assumpto de vastas meditações para o profundo maestro,

Obra, que se elle a acabasse,
Feliz do genero humano!

Em todo o caso o *Propheta* é sempre uma opera de fazer época n'um theatro, sobretudo quando seja cantada por damas, como mad. Tedesco, e sendo adornada por scenas como as pintadas por Cinatti e Rambois. D'esta vez, todavia, parece-me, não o ousarei affirmar, que o acolhimento da parte do nosso publico foi mais frio, e puramente convencional. Nasceria isso de que o tenor Villani, voz desigual e fraca para uma musica que exige posses de uma voz contraltina, e o vigor e energia de verdadeiros recursos dramaticos, não satisfez as exigencias do *spartito*; ou será porque effectivamente as impressões causadas por esta opera se vão já apagando? Não me atrevo a dizel-o. O tempo que se encarregue d'isso.

A *chronica* d'esta vez tem de se encarregar da mais afflictiva e solemne das missões, que é a de registrar a morte de um mancebo, a quem as letras tinham perfilhado como um dos seus mais predilectos filhos. A perda de Soares de Passos é uma perda irreparavel para todos os amantes da poesia, porque poetas da sua elevação não sobejam em Portugal, nem mesmo na Europa.

Soares de Passos era um talento que filiava entre nós a escola de Lamartine. Alma que um sentimento vivo do bello inflammava e consumia, pôde-se dizer que todas as suas aspirações, todos os seus arrobamentos e desabafos, não eram outra cousa senão a manifestação d'esse mesmo sentimento, que na arte e na natureza, procurava as harmonias, cujos éccos occultos é mys-

teriosos só os pôde e sabe encontrar o verdadeiro genio contemplativo. Era de certo d'estas disposições especiaes que lhe provinha o excesso de sensibilidade, que se tornava ao mesmo tempo a melhor fonte de suas inspirações e a causa directa da sua morte. Como Gilbert e Millevoix, como Mozart e Bellini, organizações que se consomem na intensidade das chammas que lhes ateiam os mais esplendidos e ardentes vôos, Soares de Passos era um d'estes espiritos para os quaes os limites do mundo são apertados e afflictivos, e que sentindo-se impellidos por azas de fogo, e necessidade de as desprender nos horisontes sem limites das obras dispersas pela mão de Deus, devoram o espaço com o vôo da aguia. As poesias o *Firmamento*, o *Amor e Eternidade* e *O Anjo da Humanidade* são a expressão mais completa d'este talento.

Basta ler as estrophes seguintes, para fazer idéa de uma d'essas arrojadas concepções.

Gloria a Deus! eis aberto o livro immenso
 O livro do infinito,
 Onde em mil letras de fulgor intenso
 Seu nome adoro escripto.

Eis de seu tabernaculo corrida
 Uma ponta do véo mysterioso:
 Desprende as azas remontando á vida,
 Alma que anceias pelo eterno góso!

Estrellas que brilhaes n'essas moradas,
 Quaes são vossos dssstinos?
 Vós sois, vós sois as lampadas sagradas
 De seus umbraes divinos.
 Pullulando do seio omnipotente,
 E sumidas por fim na eternidade,
 Sois as faiscas de seu carro ardente
 Ao rolar atravez da immensidade.

E cada qual de vós um astro encerra,
 Um sol que apenas vejo,
 Monarcha d'outros mundos como a terra
 Que formam seu cortejo.
 Ninguem pôde contar-vos: quem pudéra
 Esses mundos contar a que daes vida,
 Escuros para nós qual nossa esphera
 Vós é nas trevas da amplidão sumida?

E a melancholia vaga que transpiram todos os seus versos não é como o presentimento indefinido de uma morte proxima!

Mas se as flores dos campos voltarem
 Sem que eu volte co'as flores da vida,

disse o poeta na sua sentida endeixa da *Partida*, magoado e fatidico *adeus*,

que o coração proferiu talvez como o preferira Millevoix na sua *Quêda das folhas*, antes que as sombras da morte lhe cerrassem de todo os dias da existencia.

Soares de Passos deixou-nos um livro de bellos versos, mas o seu estro mal havia encetado o grande gyro que podia percorrer. Alma que apenas transpunha os limiares da existencia, e que ahi se demorava a pensar nos segredos insondaveis da humanidade e a admirar as harmonias esplendidas do Universo, voou para a sua verdadeira patria, porque todas as suas poesias não são senão uma prova d'essa nostalgia com que certos espiritos privilegiados nos revellam a sua origem e a necessidade de para lá voltarem. Na terra são apenas peregrinos, e a mão de Deus é-lhes propicia, terminando-lhes cedo essa romagem, que para elles é de queixumes e agonia.

A. F.